



PROGRAMA MENINAS NA CIÊNCIA/ARQUIVO

Primeiras experiências

Ciência O que a UFRGS tem feito para atrair pessoas para o campo científico? Partindo dessa questão, o JU abriu espaço para coordenadores de diferentes iniciativas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão que se preocupam em formar

juvencos cientistas. Um dos projetos destacados foi o *Meninas na Ciência* (foto), que procura atrair garotas para as carreiras de ciência e tecnologia. O que pode soar como idealismo para os céticos ganha outro caráter quando se sabe que o Índice Anual

da Situação da Ciência/2018 (State of Science Index - SOSI), aplicado em 14 países incluindo o Brasil, mostrou que a Ciência é subestimada pela população e precisa de defensores. *CadernoJU*

DIVERSIDADE

Identidade na fala

O fluxo de alunos vindos de outras regiões do país para a UFRGS aumentou desde que a Universidade passou a destinar 30% de suas vagas ao Sistema de Seleção Unificada em 2015. Nessa proliferação de sotaques reconhecemos nossas origens e também nossos preconceitos, já que a forma como falamos carrega nossa identidade e nossa cultura; porém, a percepção sobre isso só acontece quando nos deparamos com os outros.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

As trajetórias dos jovens cientistas do primeiro SIC

No ano em que o Salão de Iniciação Científica da UFRGS chega à trigésima edição, o JU convida cinco dos ganhadores do Prêmio Jovem Cientista do Salão realizado em 1989 a refletirem sobre o impacto da premiação em suas carreiras, o momento da pesquisa no país e a importância da iniciação científica na universidade para suas trajetórias pessoais e para a sociedade como um todo. *P8 e P9*

AÇÕES AFIRMATIVAS

Cotas para pessoas trans na pós-graduação

Seis programas de pós-graduação da UFRGS oferecem cotas para pessoas transexuais e travestis, atendendo a diferentes áreas do conhecimento. Segundo o doutorando em Educação Gustavo Passos, a medida é importante pois proporciona uma formação mais especializada aos poucos indivíduos que conseguem chegar ao ensino superior, visto que os índices de evasão escolar são de até 90%. *P6*

FLÁVIO DUTRA/JU/ARQUIVO OUT/2016



P7

FLÁVIO DUTRA/JU/ARQUIVO DEZ/2014



PESQUISA

Monitoramento de precisão na lavoura

P11

Feira do Livro

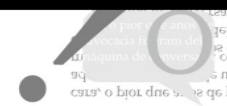
UFRGS realiza atividades no evento *P12*

Som no Salão

Oitava edição traz mistura de ritmos *P14*

Carnaval

Foliões resistem à escassez de incentivos *P13*



Espaço da Reitoria

Jane Tutikian
Vice-reitora

O Salão, uma resposta ao nosso tempo

A comunicação em larga escala, em especial as redes sociais, evidencia o momento de transição que vivemos, historicamente caracterizado por travessias complexas tanto do ponto de vista econômico quanto político.

Não se pode esquecer que as consequências desse movimento de transformação recaem sobre a sociedade de forma muito contundente, sobretudo no Brasil, em meio ao conturbado cenário político apresentado às vésperas do segundo turno das eleições.

Os extremos, as polarizações, são a tônica desses tempos, a cultura do denunciamento está instalada e, quanto mais a crise político-econômica se manifesta, maior é o impacto sobre as chamadas áreas primárias: educação, saúde, segurança, até por conta dos limites impostos pela Emenda Constitucional n.º 95, que restringiu de forma brutal o teto dos gastos públicos.

E, quando o subtexto é a crise ética, então, apagam-se todas as luzes, sequer sobrando a lanterna dos afogados cantada pelos Paralamas,

Dizer que nossos paradigmas estão em crise tornou-se quase um eufemismo diante daquilo que vivemos. Já observou o grande Octavio Paz que nossa sociedade é a primeira a tentar viver sem qualquer outro absoluto – daqueles que regeram a sociedade por séculos e séculos –, sem qualquer outro valor que não seja apenas o histórico.

Há, entretanto, uma máxima que tem permitido à humanidade avançar: nada é absolutamente bom, nada é absolutamente mau. Assim é e segue sendo, pois as narrativas, como a vida, não apresentam uma única possibilidade de leitura.

É necessário que possamos perceber outro lado. Estamos vivendo uma época, do ponto de vista da humanidade que ninguém nos pode tirar. Ela vem se desenhando, com mais nitidez, desde as últimas décadas do século passado, como um tempo de resgate dos valores humanos.

Os chamados “ex-cêntricos” ou “marginalizados” das culturas hegemônicas,

cujos gritos não eram ouvidos num passado muito recente – as mulheres, os negros, os indígenas, as pessoas com deficiência, os LGBTQIs – já podem ouvir a ressonância de suas falas. As minorias vêm encontrando – não sem luta, é verdade – espaço para suas reivindicações e seus saberes.

É nesse contexto que entra o tema do Salão UFRGS 2018. Seu slogan, Vozes Diversas Diferentes Saberes, é a acolhida e a revelação desses discursos e desses saberes. A UFRGS caracteriza-se por ser expressão da sociedade democrática e pluricultural, por ter seu olhar atento à dignidade do ser humano e ao respeito pelos direitos fundamentais. Isso está no seu DNA. E o que este Salão vem dizer a nós todos é que temos um papel importante, como comunidade acadêmica, na luta por uma mudança radical, capaz de tornar a sociedade mais justa, democrática, igualitária e sustentável.

Vida longa ao Salão UFRGS! Vida longa ao Salão de Iniciação Científica que está comemorando sua trigésima edição!

CONCURSO CULTURAL

Salão UFRGS 2018
Compartilhando Saberes

Regulamento em:
ufrgs.br/salaoufrgs

Inscrições para o concurso:
17/9 a 17/10

Participe e
concorra a um
TABLET!



Carta aos leitores

Neste mês, a Universidade realiza o Salão UFRGS, que mobiliza a comunidade acadêmica para compartilhar e debater o que acontece dentro da instituição. Para a edição deste ano, a temática escolhida remete a dois descentramentos: a desconstrução da voz única e a ênfase dos múltiplos tipos de conhecimentos presentes na sociedade. O JU, dentro desse espírito, pôs-se um desafio: ainda que diversidade já seja parte de nossa prática jornalística cotidiana, como poderíamos pautar-nos mais ainda por esse viés.

Ocorreu-nos olhar para a realidade universitária a fim de perceber o quanto os diversos sotaques convivem dentro dos câmpus. Marcadores de identidade operam como forma de diferenciação que, em muitos casos, é tornada discriminação. De alguma maneira, é uma manifestação sutil de uma dinâmica social que, de quando em quando, ganha contornos mais objetivos – como a enxurrada de postagens contra nordestinos logo após o primeiro turno das eleições presidenciais, no início do mês. Ainda, realizamos um mapeamento dos programas de pós-graduação para identificar quantos deles oferecem cotas para travestis e transexuais: são seis. Complementam, pois, as políticas institucionais que procuram contribuir para que setores minoritários e relegados

à margem possam, por meio da educação, buscar um reposicionamento social.

Mas e que impacto tem a UFRGS nas vidas dessas minorias que, por meio das diversas políticas afirmativas, têm acesso à formação superior? O caso de Silvana Claudino, estudante indígena de Serviço Social apresentada na seção *Perfil*, é um exemplo de o quanto estar na Universidade é fator importante para o bem-estar do agrupamento social que ela integra e que tem lutado para extrapolar a tutela estatal a que historicamente tem sido submetido.

Também é destaque a programação diversificada oferecida pelo projeto Som no Salão: a série de quatro espetáculos é complementada por uma conversa com Afroentes e Dona Conceição sobre a arte negra. Este último – músico nascido em Alvorada e que em breve lança álbum com a canção *Deus é uma mulher negra* – também assina o texto que acompanha o ensaio fotográfico de Josemar Afrovulto na contracapa desta edição. A proposta, pois, é de uma construção coletiva sobre, por e com negros. Para complementar esse acento na diversidade racial, antecipamos um diagnóstico sobre a situação do carnaval das escolas de samba de Porto Alegre: integrantes da organização social e da vivência cultural das comunidades que se articulam ao redor

delas, sobretudo nas regiões periféricas, foram impedidos de se apresentar em 2018 e agora buscam alternativas para o próximo ano.

O Salão UFRGS inclui, neste ano, a edição 30 do evento dedicado à iniciação científica, o SIC. Para participar dessa data emblemática, o JU conversou com cinco dos vencedores do primeiro Prêmio Jovem Cientista para ver que rumos seguiram e que impacto a pesquisa teve em suas vidas. Num outro sentido, a carreira acadêmica é posta em discussão em entrevista com a pesquisadora Rosana Pinheiro-Machado: para ela, a competitividade realça relações opressoras e preconceituosas e gera consequências como estresse e depressão.

Entre as demais temáticas, abordamos como drones podem tornar mais eficiente a agricultura; a necessidade de uma política específica para a gestão de museus e acervos pelas universidades federais; os debates realizados pelo Instituto Latino-americano de Estudos Avançados durante a campanha presidencial; a programação da UFRGS na Feira do Livro; e o documento que reúne os posicionamentos de entidades que congregam instituições de ensino superior da América Latina e do Caribe.

Boa leitura!



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
André Iribure Rodrigues
Vice-secretária de Comunicação Social
Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Alex Niche Teixeira, Ánia Chala, Angela Terezinha de Souza Wyse, Antonio Marcos Vieira Sansaverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golín, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberson de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer
Editor-chefe Everton Cardoso
Editora-executiva Jacira Cabral da Silveira
Editor-assistente Felipe Ewald
Repórteres Ánia Chala, Felipe Ewald, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)
Diagramação Carolina Konrath
Fotografia Flávio Dutra, Gustavo Diehl e Rochele Zandavalli
Revisão Felipe Raskin Cardon
Bolsistas (Jornalismo) Bárbara Lima, Emerson Trindade Acosta, Isabel Linck Gomes e Natalia Henkin
Estagiários Henrique Moretto e Lucas Borghetti
Circulação Douglas de Lima
Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 10 mil exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.





Rumos para o ensino superior

Pós-CRES Documento registra os resultados de debate e aponta perspectivas para universidades na América Latina e no Caribe

No final de setembro, a Universidade sediou o painel *A educação superior no Pós-CRES 2018*. O encontro reuniu reitores e representantes de universidades do Brasil, da América Latina e Caribe e de entidades que congregam essas instituições para darem continuidade ao debate que aconteceu na terceira Conferência Regional de Educação Superior para a América Latina e o Caribe (CRES), realizada em Córdoba, Argentina, em junho. O resultado foi um documento que sintetiza as questões levantadas e organiza os posicionamentos das instituições de ensino superior do continente para

os próximos dez anos. Também contribuiu para as discussões a serem realizadas na conferência mundial sobre o assunto que ocorrerá em Paris em 2021.

De acordo com o reitor da UFRGS, Rui Vicente Oppermann, uma das questões centrais do painel foi organizar os direcionamentos tomados a partir da CRES, da qual resultou uma declaração que sintetizava o que fora lá discutido. Era, nesse sentido, uma construção coletiva. No entanto, o Instituto Internacional da Unesco para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (Iesalc), fez

alterações no texto e preparou, de forma isolada, um plano de ação. “A declaração teve consenso, cada um que a olha se enxerga nela, mesmo os que têm visões diferentes sobre a educação superior na América Latina e Caribe. Essa é a grande riqueza. Ela abre espaço para que se possa trabalhar diferentes instâncias no ensino superior”, assevera Rui. E completa: “Não podemos permitir que seja modificada unilateralmente pelo organismo internacional”.

Do encontro realizado em Porto Alegre, foram coletados os principais pontos para a elaboração de um documento adicional. Integrante

da comissão de redação, a vice-reitora da UFRGS, Jane Tutikian, afirma que o principal resultado foi o fortalecimento do espírito da Declaração de Córdoba como havia sido emitida no final do encontro de junho. “A declaração não é a voz da Unesco na América Latina; é a voz das universidades para a UNESCO”, enfatiza. Segundo ela, a rejeição à mercantilização da educação no continente e a reafirmação do caráter público do ensino superior estão entre os principais pontos. “Reafirmar a educação superior, através do compromisso e da responsabilidade social, para garantir o pleno exercício ao direito à educação superior pública, gratuita e de amplo acesso”, sustenta o documento.

Entre os rumos traçados para os próximos meses está o fortalecimento do Enlaces – Espaço Latino-americano e Caribenho de Educação Superior. Para o reitor da UFRGS, essa é uma instância que já tem uma trajetória importante – f criada em 2008 – e que, apesar das divergências e dificuldades que tem apresentado, representa uma possibilidade mais concreta de articulação. Seria, na avaliação de Rui, o organismo mais adequado para a construção de um plano de ação que tivesse mais legitimidade e que traduzisse de forma mais fiel os ideais das universidades do continente, já que nele estariam envolvidos diretamente atores ligados às instituições de ensino superior.



CONHECENDO A UFRGS

Territórios Negros da UFRGS

Criado em 2015, o projeto Territórios Negros da UFRGS promove, através de ações como o curso Territórios Negros: patrimônio afro-brasileiro em Porto Alegre, a formação de educadores. O termo Territórios Negros ganhou força com a criação de um projeto feito pela Prefeitura de Porto Alegre em 2008, no qual uma linha de ônibus educativa percorria locais onde a história e a presença da cultura negra foram demarcados ao longo do tempo.

Um dos materiais pedagógicos desenvolvidos pelo projeto da UFRGS foi o jogo *As Viagens do Tambor*. Através da interação com um tabuleiro, educadores e estudantes se divertem e, ao mesmo tempo, aprendem mais sobre a história afro-gaúcha. “O jogo veio para dar continuidade ao trabalho feito pela linha de ônibus educativa, já que atualmente se encontra suspensa. A tentativa é de suprir a necessidade de levar essa história de Porto Alegre, de abordar esses territórios como possibilidade de aprendizado”, explica Maurício Dorneles, bolsista do projeto.

Professor e membro do Territórios Negros, Nilton Mullet considera que o principal objetivo do jogo é familiarizar e aproximar. “Constituir outras histórias para nossa cidade, as quais ainda não estão nos livros didáticos nem nas narrativas oficiais, mas que são fundamentais, fundantes e estruturadoras para a vida e para o cotidiano da cidade de Porto Alegre”, explica.

Assim como o jogo, o projeto vem trabalhando iniciativas que abordem e propaguem a história e a cultura afro-gaúcha a partir de uma metodologia que contempla a criação de ações educativas. “Fala-se em cultura afro-gaúcha porque é necessário dizer que nós estamos aqui, que nós existimos no sul desse país”, destaca a Mestra Griô Elaine, uma das personagens do jogo.

Gabrielle de Luna,
estudante do 5.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

Assista ao programa

O programa *Conhecendo a UFRGS sobre o Projeto Territórios Negros* vai ao ar no dia 16 de outubro, às 23h, na UNITV, canal 15 da NET PoA, e pode também ser assistido ao vivo pela internet, através do site www.unitv.tv.br.

GUSTAVO DIEHL/SECOM

Mesa de abertura do painel *A educação superior no Pós-CRES 2018*



PATRIMÔNIO

Universidade adota aplicativo para inventariar seus bens

Todos os mais de 360 mil bens da UFRGS serão inventariados entre os dias 19 e 23 de novembro. Para facilitar a elaboração desse registro, o aplicativo *Coleta de Inventário UFRGS*, desenvolvido pelo CPD e disponível para celulares que rodem o sistema Android, será utilizado em todas as unidades da instituição.

O último inventário total foi realizado em 2000. Desde então, os bens vinham sendo catalogados por amostragens feitas por servidores designados pela Pró-reitoria de Planejamento e Administração (Proplan). A proposta do próximo inventário é descentralizar a realização do levantamento patrimonial de bens, como materiais eletrônicos, laboratoriais, de informática, móveis e veículos.

“Nosso objetivo é envolver

todos os técnicos e professores em um esforço coletivo de averiguação dos bens da Universidade. Para isso, subcomissões de inventário serão formadas em todas as unidades da UFRGS. Anteriormente, um grupo de servidores e bolsistas ia diretamente à unidade fazer o levantamento. Mas isso resultava em um tempo muito longo pra a finalização dos trabalhos”, destaca o diretor do Departamento de Patrimônio da Proplan, Jacir da Silva Mendonça.

Além de facilitar o trabalho, o levantamento dos bens através do aplicativo para celulares gerará economia para a Universidade, considerando que cada leitor das plaquinhas com código de barras presentes em todos os móveis e equipamentos custa aproximadamente R\$ 4 mil.

HOMENAGEM

Livro comemora os 70 anos da Gráfica da UFRGS

Responsável por atividades de impressão, revisão e editoração, a Gráfica da UFRGS completa 70 anos em 2018. Parte desse trabalho estará em um livro que conta a trajetória do setor desde seu surgimento como serviço de mimeógrafo e encadernação nos porões da Faculdade de Direito até os dias atuais.

“Quem trabalhou ou fez parte da história da gráfica estará contando a trajetória da impressão de livros, revistas e trabalhos acadêmicos”, ressalta o diretor Luis Carlos Espíndola. O lançamento da obra será no dia 30 de novembro, às 17h, no Centro Cultural da UFRGS.

No setor, os bolsistas têm a oportunidade de colocar o aprendizado teórico em prática. “Foi onde efetivamente aprendi a trabalhar e a pesquisar. Além

disso, conheci as diferentes formas de revisar um texto e adequar trechos para uma melhor compreensão. Também é uma forma de se relacionar também com o autor”, destaca a estudante de Letras Bianca Segatt Ract, bolsista por dois anos na gráfica.

Além de livros, periódicos, materiais institucionais, cartazes, folhêres, calendários, agendas e cartões de visita, os periódicos, a gráfica também imprime trabalhos acadêmicos. Entre 2012 e 2017, foram impressas 6.207 teses e dissertações, quase todas pelo programa de apoio a cópias da Pró-Reitoria de Pós-graduação (PROPG). No fim de 2017, o setor ampliou esse serviço a Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Agora, alunos de graduação e de especialização também podem imprimir suas produções.



Por uma agenda complexa

José-Vicente Tavares-dos-Santos*

Vinte e seis professores apresentaram em debates, no ILEA, suas análises acerca de uma Agenda para o Brasil com referência às Eleições Presidenciais de 2018. Partiram de um diagnóstico da crise política: fragmentação partidária, ausência de cultura política, parcialidade judicial e deslocamento do eixo gravitacional do eleitorado em termos de regiões, nível de renda, escolaridade e sexo.

Em seguida, houve um detalhado diagnóstico da crise institucional: a redução do financiamento para as universidades e para a ciência e tecnologia, com ameaças de redução do desenvolvimento científico-tecnológico brasileiro. Surgiu, como imperativo, a revogação da Emenda Constitucional 95, que limita os gastos públicos, e a implantação do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação. A educação de segundo grau, com seus elevados níveis de evasão, e os descaminhos da profissionalização ameaçam gravemente o futuro do país.

Quanto à situação social e econômica, houve minuciosa análise da tragédia urbana, com periferias sem serviços públicos e com uma profunda carência habitacional e, paradoxalmente, áreas centrais degradadas com milhares de prédios abandonados. Acentua-se, ainda, o descalabro da mobilidade urbana e do transporte público. As conquistas do Estatuto das Cidades, elaborado em 2000, têm sido ameaçadas, principalmente no que diz respeito ao direito à habitação. Também a redução do crescimento econômico tem levado à desindustrialização e à dependência agroexportadora. Desse debate também emergiu, claramente, a desigualdade social como um grave problema: a concentração de renda, propriedades, poder político, oportuni-

des educacionais e prestígio, resultando em privilégios e exclusão social. No contexto, ficam os municípios sem condições de responder à crise urbana.

A questão da violência foi configurada como uma ameaça à democracia. Os debatedores mencionaram a violência política, a urbana – muito acirrada pela criminalidade organizada –, a perpetrada por alguns policiais, a doméstica e a sexual, que tem vitimizado mulheres, crianças, adolescentes e idosos. Chegaram a perceber que a violência simbólica, disseminada pelos meios de comunicação, legitima muitas vezes as outras formas da violência.

Em todos os painéis foram se consolidando diversas propostas de políticas públicas. No primeiro, a retomada do crescimento econômico, com afirmação da Quarta Revolução Industrial, da economia digital, do fortalecimento da produção industrial e do setor de serviços, assim como a complementariedade entre a produção familiar, a agricultura ecológica e a produção agroexportadora.

No segundo, definiram uma série de medidas contra a exclusão social e o desemprego, pela redução da pobreza e o aumento real do salário mínimo, acentuando a expansão do empreendedorismo e a geração de emprego e renda de modo a expandir a inclusão social.

No terceiro painel, houve a inclusão de propostas para reconhecer a diferença, afirmando os direitos humanos coletivos: a garantia dos direitos das mulheres, o reconhecimento da juventude, a promoção da diversidade étnica e das ações afirmativas. Nesse plano foi nítida a valorização das lutas e dos movimentos sociais, bem como a crítica à judicialização dos protestos sociais.

No quarto, configurou-se a necessidade

de um plano de redução da violência e dos homicídios, qualificando os profissionais da segurança e incentivando a cooperação entre as universidades públicas e o ensino policial com o intuito de aumentar a inteligência policial e a efetividade no enfrentamento ao crime organizado. Ao mesmo tempo, os painelistas insistiram em medidas para garantir o combate à corrupção e resolver a questão prisional, instaurando a dignidade humana nos cárceres, com estabelecimentos diferenciados para jovens, e a solução das prisões provisórias. Também foi apontada a necessidade de planos de reinserção econômica e social para os egressos. Evocaram, ainda, uma retomada da Lei de Drogas, com critérios para separar o traficante do usuário, o qual deve ser acolhido pela Saúde Pública. Ou seja, defenderam o desenvolvimento de uma agenda complexa de Segurança Cidadã.

No quinto, foi indicada a urgência de se retomar o protagonismo do Brasil nas relações internacionais, afirmando o multilateralismo e as interfaces Sul-Norte e Sul-Sul e propondo um desenvolvimento sustentado.

No sexto painel, os participantes propuseram implementar um processo de produção da diversidade cultural, de democratização dos meios de comunicação e de valorização da multiplicidade de saberes na sociedade brasileira, em um diálogo crítico entre o senso comum, as visões tradicionais e o conhecimento científico.

No sétimo, foi enfatizado o papel central das universidades na produção dos saberes, das ciências e das tecnologias manufatureiras, processuais e sociais e, notadamente, da construção da cidadania. Portanto, há necessidade da retomada do financiamento adequado das universidades públicas e dos

sistemas de ciência, tecnologia e inovação, inclusive para garantir aos jovens seu relevante papel no futuro da sociedade brasileira.

No oitavo painel, foi salientada a grave crise da sociedade brasileira. Vive-se uma crise econômica, com recessão, desemprego e insegurança estrutural. Por outro lado, a pulverização partidária, os efeitos da corrupção e a descrença nos políticos resultaram em uma crise política na qual o próprio sistema tem sua legitimidade contestada. Há, além disso, uma reação conservadora, contra o direito à diferença, que embasa uma concepção autoritária da sociedade.

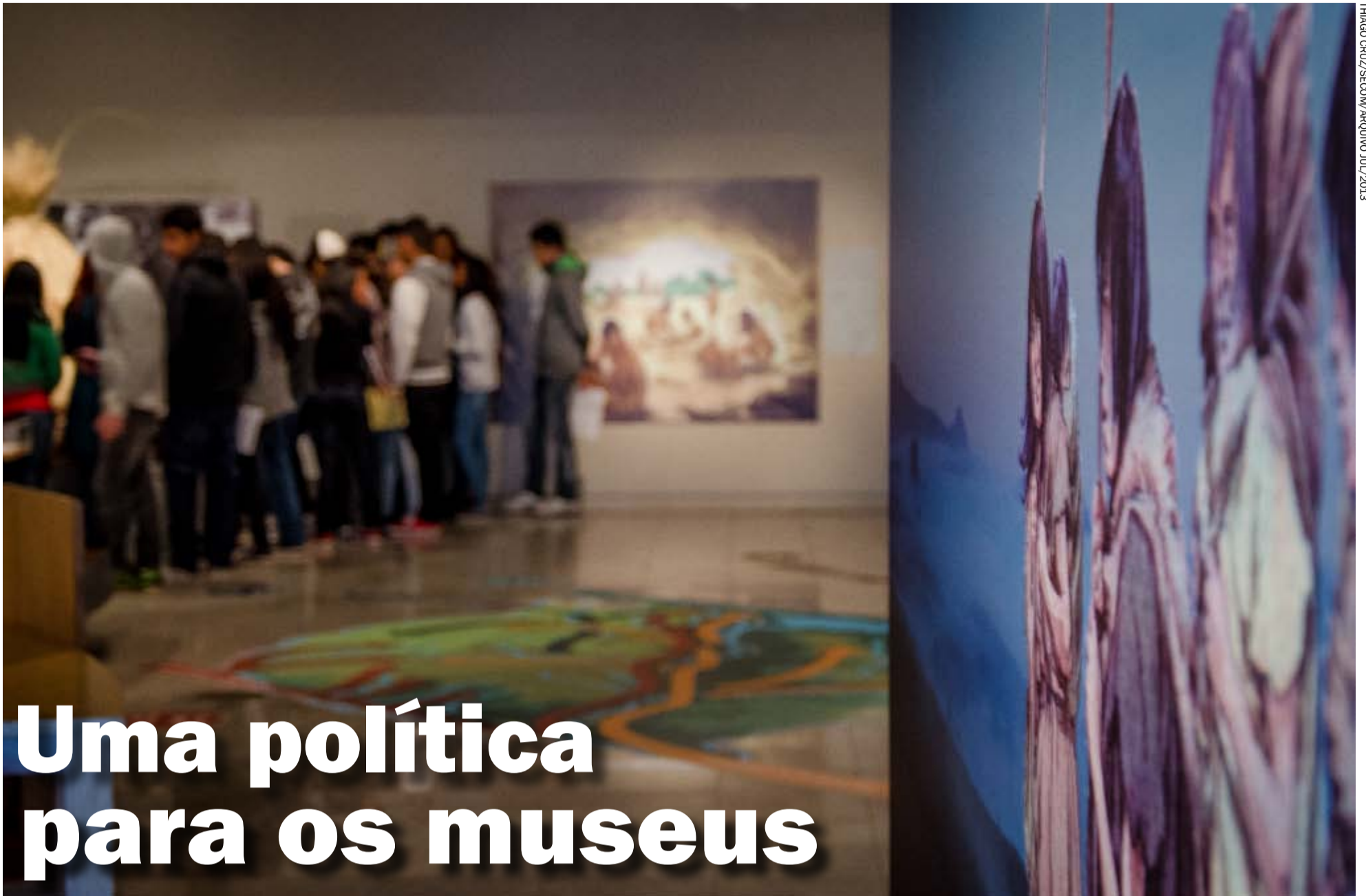
Em síntese, os debates definiram a reafirmação da democracia e da participação política, com respeito às regras do jogo, ao sistema de representação, assim como o reconhecimento do voto dos cidadãos e das cidadãs, vontade popular expressa na Constituição Federal de 1988.

Ao que tudo indica, nas eleições de 2018 observaram-se dois projetos sociais, políticos e culturais em disputa: o neoliberalismo econômico e conservadorismo social, por um lado, versus o desenvolvimento incluyente com participação e respeito à diferença, por outro. O dilema reside na dificuldade de complementar a retomada do crescimento econômico com a redução das desigualdades sociais, econômicas e culturais.

O povo decidirá com seu voto. Porém, não há dúvida de que uma retomada da esperança em uma democracia para todos e todas, avançando o processo civilizatório, está a renascer nas praças e ruas do Brasil.

*Diretor do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados ILEA-UFRGS





THIAGO CRUZ/SECOM/ARQUIVO JULY/2013

Uma política para os museus

Claudia Porcellis Aristimunha*
Lígia Ketzner Fagundes**

O Museu Nacional, mais antiga instituição museal brasileira, criado em 1818, anterior inclusive à criação das universidades no Brasil, era desde 1946 um museu universitário. O incêndio ocorrido em dois de setembro em suas dependências colocou os museus, especialmente os universitários, na pauta de discussão.

Não nos interessa aqui fazer um lamentado sobre o que significou para o país o incêndio que consumiu boa parte do acervo e das pesquisas realizadas pelo Museu Nacional. Trata-se de um episódio que poderia ser evitado, pois há muitos anos os setores ligados ao patrimônio e à memória vinham denunciando a situação do prédio e a falta de verbas e apoio para mudar esse estado de coisas. Cabe, contudo, destacar como infelizmente apenas um sinistro, que causou comoção nacional e internacional, pôde gerar tantos olhares para o campo que esteve até agora abandonado e, por outro lado, como abriu espaço para oportunismos de toda ordem.

Devemos isto sim, lembrar aqui que a ligação dos museus com a universidade é muito antiga. As duas instituições nasceram com o sentido de promover a pesquisa e o estudo e estão envolvidas, desde suas origens, com o debate de ideias, com o pensamento crítico e com a produção e difusão de novos conhecimentos. A origem dos museus universitários nos remete ao século XVII, 1683, quando a doação da coleção de Elias Aschmole para a Universidade de Oxford inaugura aquele que é considerado o primeiro museu universitário, o Aschmoleum Museum.

Com tamanhos, acervos e trabalhos variados, os museus são presentes e atuantes em muitas universidades federais, estaduais e particulares. Estão localizados junto aos câmpus universitários ou descolados destes, envolvidos nas cidades. No geral,

aparecem dividindo ou disputando seus espaços, apresentando uma estrutura física adaptada ou totalmente inadequada para as atividades desenvolvidas. Uma grande parcela ainda está desconhecida dentro das próprias instituições que os abrigam, contando apenas com o trabalho dedicado de pesquisadores, docentes, discentes e técnicos. Apresentam uma imensa diversidade tanto em relação a temáticas quanto a aspectos regionais do conhecimento. Juntam-se a esse tema, de maneira importante e urgente para

“As universidades necessitam de uma política que englobe e envolva os museus, definindo sua atuação e inserindo-os em seu planejamento estratégico.”

uma discussão séria, as coleções universitárias, que não necessariamente estão abrigadas em museus institucionalizados.

Os museus universitários são caracterizados pela vinculação ao “princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, que está exposto no artigo 207 da nossa Constituição. Ou seja, para além das atribuições comuns a todos os museus, os universitários realizam e propiciam pesquisas acadêmicas, são espaços de ensino de disciplinas, cursos e estágios acadêmicos, atuam em diversos projetos de extensão e desenvolvem projetos educativos abrangentes voltados não só ao público acadêmico, mas também ao público externo. Em sua condição de bens culturais, devem ser protegidos e promovidos pelo Estado, sob a responsabilidade comum à União e a todos

os entes da federação, de acordo com o expresso textualmente na Constituição Federal, em seus artigos 23 e 215.

Já neste ponto nos deparamos com dilemas: as universidades estão subordinadas ao Ministério da Educação, que não possui nenhum programa orçamentário que destine verbas para os museus sob sua responsabilidade, assim como não possui nenhum controle acerca de quantas instituições e qual patrimônio cultural é administrado cotidianamente pelas universidades brasileiras, nem mesmo aquele pertencente às instituições federais. As universidades, por sua vez, não possuem, em sua maioria, políticas específicas de gestão de seus espaços museológicos e coleções, na medida em que não constituem suas atividades fins.

Em 2003, atendendo a antigas demandas do setor museológico nacional e fruto da atuação de importantes intelectuais e trabalhadores de museus, foi criado dentro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o Departamento de Museus. A partir daí, teve início a construção da Política Nacional de Museus (PNM), que foi inclusiva com todos as instituições museológicas do país, criou legislação, fomentou a modernização e criação de novos espaços, lançou prêmios, apostou na formação continuada dos trabalhadores da área e foi construída com a participação ativa de todo o setor museológico nacional. A partir de 2009 o Departamento de Museus vira o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia vinculada ao Ministério da Cultura responsável pelos museus federais ligados ao MinC e pela PNM para todos as instituições museais brasileiras.

Na UFRGS, desde 2011, foi instituída a REMAM – Rede de Museus e Acervos. Integrada atualmente por 29 espaços de memória e museus universitários que preservam em seus acervos uma parte da história da Universidade e do conhecimento científico. Como lugares de memória por excelência, são também espaços de pesquisa, lazer e fruição,

debates, resistências, discordâncias e aprendizagens.

Apesar do apoio por parte das gestões, especialmente a partir de 2011, que a área de preservação da memória e da história da Universidade vem recebendo, com os cortes orçamentários dos últimos anos não foi possível avançar em uma política para o setor. É fundamental enfrentar essa realidade e constituir via Ministério da Educação uma política que considere as coleções e os museus universitários no conjunto da educação, prevendo ações e orçamento específicos. As universidades, por sua vez, necessitam de uma política que englobe e envolva os museus, definindo sua atuação e inserindo-os em seu planejamento estratégico.

Não se pode acreditar que a criação de uma agência, a Abram, proposta na Medida Provisória 850/18, venha a resolver a situação que o Brasil enfrenta de falta de política pública para o campo do patrimônio. Não é aceitável que o Ibram um órgão fundamental para a memória e o patrimônio, construído coletiva e democraticamente, que atendia a uma demanda reprimida há várias décadas e que iniciou uma política específica de museus, seja apagado por uma decisão de gabinete às vésperas de uma troca de gestão e sem consulta ou discussão com os setores diretamente envolvidos.

O objeto dessa discussão tem proporções fundamentais para o desenvolvimento, a autonomia e a soberania do país. Merece ser tratado com responsabilidade e como política estratégica para o Brasil. E os museus universitários trazem para a discussão o compromisso das universidades com o processo de transformação da sociedade.

*Diretora do Museu da UFRGS, mestre em História Iberoamericana
**Historiadora do Museu da UFRGS, doutoranda em Museologia Social na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Lisboa



Diversidade na pós-graduação

Inclusão Seis programas na UFRGS já oferecem cotas para candidatos travestis e transexuais

Inúmeros fatores podem influenciar a escolha de um curso de pós-graduação. Para o educador físico Eric Seger, as cotas foram fundamentais. Eric é um homem trans e ingressou no mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS por meio de da reserva de vagas para transexuais e travestis, prevista no edital desde 2017. “Acho que, de certa forma, internalizei uma sensação de não pertencimento, de inferioridade, por mais que tenha tido uma boa trajetória acadêmica até agora. Parece que, sem aquele ‘empurrãozinho’ a mais, ficava a sensação de que talvez eu não conseguisse”, afirma. Ele conta que durante a graduação se deparou com a transfobia nos próprios estudos: “As ciências da fisiologia do exercício, por exemplo, têm uma concepção epistemológica muito transfóbica, e isso pode deixar marcas”.

Além do PPGEDU, outros cinco programas apresentam em seus editais de mestrado e doutorado a reserva ou adição de vagas para pessoas trans: Sociologia (2016), Artes Cênicas, História, Psicologia Social e Institucional (2017) e Saúde Coletiva (2018). Há ainda o PPG em Comunicação (PPGCOM), que oferece cotas para esse grupo apenas na seleção do mestrado, e o mestrado profissional em Ensino de História, o único entre os 16 oferecidos na Universidade que também aderiu à medida.

Na UFRGS, os programas de pós-graduação têm autonomia em suas decisões, submetendo-as à aprovação da Câmara de Pós-graduação. Por isso, não há uma diretriz que oriente a implementação de reserva de vagas entre os 88 cursos de mestrado acadêmico e de mestrado profissional, e so 82 de doutorado atualmente em atividade. Mesmo assim, informa o pró-reitor de pós-graduação Celso Loureiro Chaves, está prevista para este mês uma reunião com os 11 PPGs que já têm algum tipo de ação afirmativa para chegar a um discurso unitário e refletir sobre uma possível política institucional para a reserva de vagas na pós-graduação.

Desafios – O doutorando Gustavo Passos, integrante da comissão que estabeleceu as cotas para pessoas trans no PPGEDU, é aliado do movimento trans e estuda educação e relações de gênero no sistema prisional. Segundo ele, as cotas funcionam como uma reparação histórica a determinados grupos sociais, e sua implementação na pós-graduação é uma tendência. “No caso das pessoas trans, não é exatamente uma questão histórica a ser reparada, mas até 90% dessas pessoas evadem das escolas antes do final do ensino médio. É um

número muito alto. Essa é uma justificativa que utilizamos no edital para garantir as cotas para esse público, para proporcionar uma formação mais especializada às poucas que conseguem chegar ao ensino superior, já que o ambiente escolar é muito inóspito para elas”, pondera.

Filósofo, publicitário e mestre em Comunicação pela UFRGS, Luiz (nome fictício) participou da reunião em que foram aprovadas as cotas no PPGCOM e, apesar de considerá-las muito importantes, insiste que haja uma reflexão. “Pensemos na realidade das travestis, por exemplo. Como queremos que essa população ingresse na pós-graduação se muitas delas têm que sair cedo de casa, têm que se prostituir para poder se sus-

tentar?”, provoca. Segundo ele, é preciso considerar não só o ingresso, mas a permanência dos alunos. “Acho que isso precisa ser pensado dentro da questão do recorte de classe. Senão, teremos pessoas trans dentro da universidade, mas com um certo perfil. O legal é expandir”, argumenta.

Além dos desafios que todo aluno da pós-graduação enfrenta, uma pessoa trans pode se deparar com situações ainda mais complicadas. Eric Seger, cujo tema de pesquisa é educação, sexualidade e relações de gênero, conta que é difícil permanecer em um espaço que o considera um “outro exótico”. “Já fui tratado com pronomes femininos umas seis vezes por uma pessoa do PPG. Então, a gente entra por essas ações afirmativas, mas

algumas pessoas não conseguem nos tratar pela nossa identidade de gênero. Não era com más intenções, mas é algo que faz a gente se sentir muito humilhado, entende?”

Processo gradual – O Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) aponta, em pesquisa publicada este ano, que cerca de 18% do total de PPGs das instituições públicas de ensino superior já adotam ações afirmativas. Dados da mesma pesquisa indicam que grupos não contemplados pelas políticas de ingresso na graduação, tais como pessoas transexuais e travestis, vêm sendo incluídos – embora, até o ano passado, essa

população representasse apenas 2,72% dos beneficiários. Ainda segundo a pesquisa do Gema, são raras as ações afirmativas na pós-graduação que relacionam o benefício à conclusão do ensino médio na rede pública ou à baixa condição socioeconômica, como é comum nas políticas de acesso à graduação.

Um dos primeiros programas a oferecer cotas para pessoas transexuais e travestis foi o PPG em Desenvolvimento Territorial Sustentável, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Inaugurado em 2014, o mestrado dispõe de vagas nessa modalidade de ações afirmativas desde o primeiro edital. Contudo, a medida só começou a tomar mais força a partir de 2016, quando o Ministério da Educação (MEC) divulgou a Portaria Normativa n.º 13, solicitando às universidades federais que apresentassem propostas sobre a inclusão de negros, indígenas e pessoas com deficiência em seus PPGs, e orientando a criação de comissões para dar continuidade e aperfeiçoar as ações implementadas.

Impacto estrutural – Para o doutorando Gustavo, o efeito dessas medidas é estrutural e inegável. “A longo prazo, há um impacto no currículo formal, naquilo que é ensinado na escola. Você adiciona essas diversidades à pauta. Mas no currículo cultural, que são os saberes que circulam na sociedade, que aprendemos através da sociabilidade, o impacto é imediato”. Ele exemplifica: “Quando se tem uma sala de aula com professor e alunos brancos, se o professor faz uma piada de cunho racista, talvez não haja resposta. Pode até ficar todo mundo calado, não achar graça; mas se houver uma pessoa negra, e mais ainda, se houver várias pessoas negras, vai haver resposta. Um grupo fortalecido vai se colocar contra aquela declaração”.

O sentimento de quem participou dessas mudanças é de que sempre se pode fazer mais. Luiz acredita que, apesar de as medidas serem passíveis de críticas, o assunto estar em discussão é melhor que nada. Para ele, todos saem ganhando: “Acho que a grande questão sobre as cotas que as pessoas perdem de vista é que elas não são um favor que se está fazendo para aquela pessoa, mas sim para a universidade. Traz pluralidade. Num país como o Brasil, no contexto em que a gente se encontra, a universidade é um lugar que deve ser múltiplo, deve ser plural”, conclui.



GUSTAVO DIEHL/SECOM

Para Eric Seger, mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação na UFRGS, é difícil para uma pessoa trans permanecer em um espaço que a considera um “outro exótico”

Natalia Henkin, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da UFRGS



GUSTAVO DIEHL/SECOM

A pronúncia de uma identidade

Sotaques
O modo como falamos carrega informações sobre quem somos e sobre como nos relacionamos com a diversidade linguística presente no Brasil

Desde 2015, quando a UFRGS destinou 30% de suas vagas ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), houve um aumento no fluxo de alunos vindos de outras regiões do país, visto que a oportunidade de ingresso se faz mais ampla por não haver a necessidade de se deslocar até o Rio Grande do Sul para prestar o vestibular.

A partir disso, a Universidade se torna um ponto de encontro de sotaques de diversas regiões do país. É o que vem experimentando Lyz Ramos, 19, natural da capital do Rio de Janeiro que veio de muda para o Rio Grande do Sul para estudar Jornalismo na UFRGS. Hoje, ela divide a sala de aula não só com a fala cantada de Porto Alegre e com o ‘é’ fechado do interior do estado, mas também com o sotaque sergipano da colega Camila Pessoa,

19, natural de Aracaju, que, assim como ela, ingressou na Universidade pelo SISU.

Estranhamento – Memórias, tradições e experiências atravessam gerações pelo caminho da oralidade. São elementos que continuamente moldam culturas, provando que a língua não é apenas um código, mas é também o alicerce da humanidade. Culturas, portanto, que não se manifestam apenas pelo que se fala, mas também pela forma como se fala. Uma língua, combinada com fatores históricos, geográficos e sociais, ramifica-se em uma diversidade de sotaques que pintam de diversas cores a fala de um território. A existência de sotaques não significa apenas a presença de variações, significa diversidade.

Todo mundo tem uma forma característica de falar, mas nem todos conseguem reconhecer isso. Segundo a professora do Instituto de Letras Elisa Battisti, as pessoas só costumam se perceber diferentes quando saem do seu território e encontram “um outro diferente”. É o choque entre sotaques que provoca a reação. “À medida que as pessoas se encontram é que a gente consegue ver o resultado da variação linguística na forma de diversidade”, complementa a docente. Foi o que vivenciou Lyz quando veio de muda para Porto Alegre. “A princípio a gente acha que não tem sotaque e que, na verdade, são os outros que têm. Aqui, saí totalmente da minha posição e virei um dos sotaques diferentes, uma das minorias. Comecei a re-

parar muito mais no jeito como eu falo e também fico observando os sotaques daqui”, conta a estudante.

Para Alan Alves Brito, baiano natural de Feira de Santana que veio a Porto Alegre para atuar como professor e pesquisador em Física na UFRGS, a descoberta não foi apenas do sotaque, mas de sua identidade: “Quando eu estava lá, eu não sentia isso fortemente porque estava no meio dos nordestinos. Foi quando deixei a Bahia que me descobri nordestino: no corpo, na maneira de falar, na maneira de me comportar”.

Preconceitos – Ao mesmo tempo em que os sotaques expressam nossas origens sociais, eles também revelam nossos preconceitos. “Esses encontros são muito informativos sobre nós mesmos, sobre o que vemos, e também sobre o que os outros veem a nosso respeito, como somos rotulados. Nós não gostamos de ser rotulados, mas rotulamos o outro”, explica Elisa. Esse pré-julgamento historicamente é atribuído a formas de falar de regiões mais pobres ou não centrais e se manifesta por estranheza, chacota ou até mesmo exclusão. Para o professor do Departamento de Saúde e Comunicação Humana e doutor em Estudos da Linguagem Jefferson Lopes, a rejeição de determinada forma de falar é justamente o preconceito às origens de onde ela vem. “O sotaque em si é uma ponta onde aparece isso, é uma materialização. Esse jeito de falar representa um jeito de ser, uma cultura, costumes, fatores sociais e fatores econômicos. O preconceito

é em relação ao que ele carrega”.

Foi o que vivenciou Alan, que relata frequentemente ter o seu sotaque nordestino associado ao estereótipo pejorativo do baiano — de indivíduos preguiçosos, burros, sem cultura, como ele mesmo define. A partir disso, as pessoas pressupõem quem ele é. “Elas já criam uma situação. Acham que eu sou da limpeza, vim trabalhar como pedreiro ou que vim à procura de emprego. Quando digo que sou professor da UFRGS, elas ficam surpresas. Nunca me colocam no lugar em que estou, porque vão associando a minha fala a determinados lugares que elas acham que eu deveria ocupar na sociedade. Quando abro a boca, já me colocam em um lugar, um não lugar”.

Adaptar ou resistir – Na convivência com sotaques locais, é frequente que algumas características sejam incorporadas ao modo como falamos. Para Jefferson, essa confluência está atrelada às diferenças como um todo, e não só à fala. “Cruzam experiências, culturas, vivências. É difícil desatrelar o sotaque do jeito e da cultura. Então, é natural que ocorra essa mistura”, explica.

É o caso de Camila, que, por ter o pai carioca e ter convivido em sua terra natal com amigos de outras regiões, já reconhecia seu sotaque e havia incorporado um pouco de outras falas. “Eu acho que hoje meu jeito de falar representa essa mistura. Não falo mais como antes, e o meu sotaque ficou nem daqui, nem de lá. É muito comum eu vol-

tar a Aracaju e ouvir: ‘nossa, pegou o sotaque sulista, que esnobe’. Isso porque, por exemplo, eu não falo mais chiado como antes. Foram coisas que eu peguei naturalmente. Mas hoje em dia eu queria ter mais sotaque de lá, agora eu tenho mais identidade com a cultura de lá e aprendi a valorizar mais de onde eu vim”, conta a estudante.

Pertença – O sentimento de pertencimento e identificação vivenciado por Camila é comum entre pessoas que se veem fora de seus territórios e que acabam tendo suas origens reconhecidas pela fala. O sotaque se torna um tradutor de identidades e culturas, e é a partir daí que nasce a ânsia em não perdê-lo, como uma forma de resistência.

“Meu corpo, meu cabelo, meus pensamentos e minha fala são atos políticos, são formas de resistir. Eu gosto de manter meu sotaque e meus hábitos, porque sou eu, é a minha identidade, é a minha história. E se o meu sotaque mudar um pouco, não estou me policiando para que isso aconteça, porque naturalmente posso incorporar algumas coisas, mas ele nunca vai ser apagado. Até mesmo falando em inglês, por exemplo, eu não me esforço para falar sem sotaque de estrangeiro, porque é isso que dá o gostinho de ser diferente, de que não sou daquele lugar”, conclui Alan.

Isabel Linck Gomes,
estudante do 4.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

Ciência faz carreira

Após muito trabalho e mobilização de servidores técnicos e docentes, acontecia, em 1989, o primeiro Salão de Iniciação Científica (SIC) da UFRGS. Agora em sua 30.^a edição, o evento se afirma como um ambiente fundamental para o estímulo à pesquisa na graduação. Nesse tempo, muita coisa mudou: os 198 trabalhos apresentados em 1989 chegaram a 2.403 em 2018. Além disso, no Salão UFRGS, atualmente, a iniciação científica compartilha o espaço com trabalhos ligados ao ensino e à extensão – há ainda a Feira de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, o Salão UFRGS Jovem e o Salão da Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS. Para esta reportagem especial, o JU localizou cinco dos nove vencedores do Prêmio Jovem Pesquisador da primeira edição do SIC – naquela época ainda não havia troféus, que só passaram a ser distribuídos em 1999. Eles contam um pouco da sua experiência e refletem sobre o quanto a iniciação científica foi importante em suas trajetórias.

TEXTO EMERSON TRINDADE ACOSTA E HENRIQUE MORETTO

FOTOS ROCHELE ZANDAVALLI

Eduardo Vélez

Ciências Biológicas



No primeiro semestre de 1987, quando o biólogo Eduardo Vélez, então estudante de graduação, foi ao Centro de Ecologia da UFRGS para conversar sobre a possibilidade de fazer iniciação científica, ele não imaginava que viria a ser um dos vencedores do primeiro SIC. Seu objetivo era poder estar mais próximo da área que sempre foi sua grande paixão – meio ambiente e conservação da natureza – e complementar a grade curricular do curso de Ciências Biológicas. “A iniciação me deu habilidades que a graduação, somente com suas aulas teóricas e práticas, não me daria: essa questão de entender o que é o método científico, aplicar isso na prática para questões concretas, além da socialização no mundo da ciência”, aponta.

A afeição pela academia continuou e Eduardo fez mestrado e doutorado em Ecologia e atualmente faz seu terceiro pós-doutorado – todos na UFRGS. Ele é pesquisador do Laboratório de Estudos em Vegetação Campestre. Além de atuar em projetos de pesquisa, o biólogo também teve experiências em gestão institucional e

políticas públicas – ele foi diretor do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RS de 1999 a 2002 e diretor de Patrimônio Genético no Ministério do Meio Ambiente de 2003 a 2007.

Quem vê o extenso currículo de Eduardo nem imagina que apresentar seu trabalho sobre decomposição de plantas em ambientes aquáticos, no SIC de 1989, foi um grande desafio. “O Salão é um espaço de crescimento pessoal: a questão de se expor, de falar em público, de tentar mostrar para as pessoas que o teu trabalho é interessante”, avalia. A dificuldade, no entanto, foi compensada: premiado, ele ganhou direito a uma viagem de estudos. Escolheu pesquisar sobre algas microscópicas das lagoas costeiras do estado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, atingido por incêndio em setembro deste ano. “Foi lá que eu fiz meu treinamento científico, foi um momento muito bacana da minha trajetória acadêmica. Fiquei muito triste não só pelo patrimônio científico que se foi, pela memória, pelo simbolismo daquela tragédia, mas por uma questão pessoal também”, assevera.

Ilza do Canto

Ciências Humanas



Um dos poderes mais bonitos do conhecimento é distorcer o tempo; a capacidade que tem um trabalho de se manter atual mesmo muito depois de sua produção e da época estudada. A relações públicas Ilza do Canto conhece este poder: em 1989 foi premiada no primeiro SIC com a pesquisa *A República Nova e o surgimento da primeira agência de propaganda no Rio Grande do Sul*, em que investigou a estrutura político-econômica do período da República Velha, na década de 1930, para tratar da S.T.A.R. LTDA, primeira iniciativa gaúcha em publicidade, estabelecida em 1932. Mesmo em 2018, quase um século após o período pesquisado, e três décadas depois da publicação, o estudo mantém contemporaneidade e é referência na área: “Toda vez que precisam referência sobre esse tema, da história da propaganda no estado, eu tenho sido chamada para falar, até hoje. Algo que ainda farei é publicar o trabalho como livro, ele está publicado só como trabalho acadêmico”.

A experiência foi um marco na carreira de Ilza, mesmo que

não tenha seguido carreira como pesquisadora. A premiação na época foi uma viagem para o Rio de Janeiro, onde ela teve oportunidade de conhecer empresas de comunicação, além de ter apresentado o estudo em congressos e eventos na área. Hoje, segue tendo contato com a iniciação científica por meio das filhas, uma formada em Farmácia e a outra cursando Medicina Veterinária. “Elas trabalham nas pesquisas e é muito importante a apresentação no Salão, pela troca, por conhecer outras coisas que estão sendo investigadas na área”, revela. Para a relações públicas, o SIC se consolidou como um evento científico no Rio Grande do Sul, para o qual muitos olham como um berço de produção científica. “É uma iniciativa que deve permanecer e é fundamental para o fazer científico e para que se divulgue tudo que se trabalha dentro da Universidade. Acho que esse é o grande desafio também da UFRGS, e o Salão tem esse papel, de fazer a interação da academia com a sociedade”, reflete.

Valéria Monaretto

Linguística, Letras e Artes



É impossível contar a história da professora Valéria de Oliveira Monaretto, do Instituto de Letras da UFRGS sem falar de variação linguística no sul do país. Hoje, ela coordena a participação da UFRGS no projeto de mesmo nome, mais conhecido pela sigla Varsul, que envolve as universidades federais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, além da PUCRS. Sua ligação com o tema vem desde a década de 1980, época em que era estudante de graduação e fez parte do grupo que venceu o Prêmio Jovem Pesquisador no primeiro SIC. “A iniciação científica é fundamental. Ela abre os horizontes, é uma complementação do curso de graduação, e aprofunda questões específicas dentro da área de pesquisa. Tive a sorte de a professora Leda Bisol ter me escolhido numa época em que os estudos não existiam no volume que encontramos hoje. Poucas pessoas faziam pesquisa, ainda mais em língua portuguesa. Me motivei a continuar estudando, me apaixonei e até hoje sou pesquisadora porque gosto, vejo um retorno pessoal e acho que a gente pode oferecer alguma coisa para as pessoas.”

Segundo a docente, trabalhar com pesquisa segue sendo um desafio. “Enfrentamos uma fase muito difícil, com cortes de gastos. Mas a área de Letras não precisa de muito investimento, de equipamentos muito sofisticados e de material de consumo perecível. A gente lida com softwares gratuitos e mais com mão de obra e cabeça. Claro que estamos em um momento horrível, o Varsul tem mais de 30 anos, tem outro projeto alocado nele, de mais de 50 anos, e a gente não tem recurso pra ter alguém pra transpor fitas magnéticas”, lamenta.

A escassez de recursos não desmotiva Valéria, que reconhece em momentos como o SIC uma oportunidade de atingir o objetivo da universidade: disseminar produção de conhecimento. “Acho um momento glorioso da instituição, que tem essa função de mostrar o que produz, com ou sem recurso. Faço questão sempre de participar, mesmo agora este ano que excepcionalmente não vou ter trabalho de orientando, vou lá participar como integrante da banca”, revela.

Lucio Martins

Ciências Exatas e da Terra



O trabalho *Novas drogas antialérgicas: estudo e preparação de uma série de pirimidinonas condensadas*, premiado no primeiro SIC, traduz bem o que foi a carreira do seu autor, o químico Lucio Martins: uma profunda interação entre química e medicina. Já antes de prestar vestibular, ele estava em dúvida entre os dois cursos. Optou pelo primeiro sem saber que, um dia, trabalharia acompanhando médicos em salas de cirurgia.

Lucio é sócio e um dos fundadores da Suprisul, empresa que atua na distribuição de suprimentos médicos, e da Logmed, que trabalha com armazenagem e transporte desses produtos. “Quando surge uma novidade na indústria, nós, vendedores técnicos, levamos para o médico, demonstramos e o treinamos para usar. Para ter essa conversa com o médico, temos que saber quase tanto de cirurgia quanto ele”, explica. Além dos profissionais, ele também lida com hospitais e planos de saúde.

Lucio destaca a importância que um docente da graduação teve

para que ele começasse a iniciação científica. “O professor Valter Stefani foi o cara. Eu tinha uma fascinação por ele e vim a descobrir que ele tinha um grupo de pesquisa”. Depois de formado, o químico estava em dúvida entre seguir na área acadêmica ou buscar um espaço no mercado de trabalho. Uma oportunidade na linha médica da multinacional Johnson & Johnson acabou direcionando sua carreira. “A remuneração era boa, e eu venho de uma família simples, então precisava trabalhar. A bolsa do mestrado era cerca de um quinto do que eu ia ganhar”, revela.

Antes de sair e fundar a Suprisul, em 2008, Lucio ficou quase 20 anos na multinacional e chegou a um cargo de diretoria. Apesar de ter trilhado toda a sua trajetória na iniciativa privada, ele expõe que a iniciação científica foi importante. “É um pilar, uma base que te ajuda muito na tua vida, a ser um indivíduo melhor preparado. Te diferencia dos outros. É uma forma de a gente qualificar a nossa formação”, avalia.

Clarissa Brunet

Linguística, Letras e Artes



Hoje professora de francês no Colégio de Aplicação da UFRGS, Clarissa Brunet fez parte do grupo de estudantes premiado no SIC de 1989 com a pesquisa *Variação linguística no sul do país*. Atualmente na área de lexicografia (estudo das expressões de um idioma), não se dedica primordialmente à pesquisa, mas orienta alunos do ensino médio no estudo de termos usados em conversações em francês. Apesar da evidente diferença no idioma, existem muitas semelhanças entre os dois trabalhos: a variação linguística, antes no português do sul do Brasil, agora é abordada no francês, para que os alunos reconheçam quais as expressões mais adequadas para usar em cada situação. “Reuni um *corpus* a partir de sites em que as pessoas postam para se corresponder e contrastei com uma correspondência dirigida por um professor. A diferença é que naqueles os termos eram informais, como ‘Oi’ e ‘E aí?’; na mensagem dirigida pelo professor já era mais formal.”

Por ter acompanhado o SIC em épocas distintas, Clarissa

considera que os avanços foram significativos, em especial na área de Linguística. “No início, era muito difícil ser pesquisador, principalmente em Linguística, área em que existiam poucos professores – o pessoal da Letras era mais de Literatura. E não tinha essa questão dos intercâmbios com exterior, de poder estudar, voltar e trazer tecnologia e conhecimento para o país.” Em termos de financiamento, porém, observa retrocessos: “Parece que estamos retornando à época anterior ao primeiro SIC.”

Além de oferecer o primeiro contato com a pesquisa científica, Clarissa também busca incentivar o interesse por este campo, derrubando preconceitos e aproximando o tema dos estudantes. “Acho que aqui a gente tem um bom começo, dizendo para os alunos que ciência não é só o jaleco. Eles podem pesquisar assuntos que dizem respeito a si mesmos. Podem ser jogos eletrônicos; enfim, para despertar a vontade de sanar suas curiosidades e ir muito mais a fundo nisso, transformar em estudo, em alguma coisa que possa informar os colegas”, salienta.



JOANA BERWANGER/ARQUIVO PESSOAL

Luta por pequenos poderes

Rosana Pinheiro-Machado Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) reflete sobre a vaidade e seus impactos no cotidiano acadêmico

Cientista social e antropóloga formada e pós-graduada pela UFRGS, Rosana Pinheiro-Machado tem uma relação intensa com a academia. Durante seu doutorado, realizou estágio sanduíche por um ano na University College London (UCL). Sua tese, baseada em dez anos de estudos de campo acompanhando uma cadeia global de mercadorias ilegais na rota China-Paraguai-Brasil, recebeu prêmios da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Já atuou como professora da Pós-Graduação em Desenvolvimento Internacional na Universidade de Oxford e pesquisadora visitante do Centro de Estudos Chineses da Universidade de Harvard. Hoje, é professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFSM e publica textos de opinião em jornais, revistas e em suas redes sociais. Rosana recentemente esteve na Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) debatendo a vaidade no ambiente acadêmico.

Por que esse tema te interessa? E desde quando?

Acredito que tenha relação com o processo autorreflexivo da minha própria trajetória, pois me incomodava essa ideia de desmerecimento dos colegas que eram de uma área ou de outra, de um núcleo de pesquisa ou

de outro. São diversas competições que, ao longo da minha trajetória acadêmica, fui vendo que só me impediam de ampliar meus horizontes e áreas, de ter novos interlocutores. Eu sentia, mas era tudo muito incipiente. Como estudante, percebia como uma perda e como uma luta por pequenos poderes. De alguma maneira, eu também era parte disso. Reproduzia isso. Achava que era uma disputa entre fracos e fortes. Acreditava mesmo nessas místicas. No entanto, isso foi me interessar formalmente quando fiz uma pós-graduação em Pedagogia Crítica na Universidade de Oxford. Ao longo de um ano, desenvolvi meu portfólio de ensino baseada numa metodologia que se chama Autobiografia Crítica. Foi então que comecei a pensar criticamente sobre as relações de poder, dentro da minha própria trajetória acadêmica, e como que não deveria reproduzir isso. Essa era uma pedagogia freireana e era central no curso.

Quem são os “donos de Foucault”?

Os “donos de Foucault” são os donos do laboratório, do Marx, do Weber, do Bordieu, de determinado tema, de determinado núcleo. A maneira como a universidade vai fazendo “clusters”. Acho positivo que as pessoas se especializem e que tenham grupos especializados. O problema não é que alguém tenha autoridade em um assunto – é importante que nós tenhamos

referências –, mas sim como isso se reflete nas relações de poder. Muitas vezes, isso acaba sendo antipedagógico, porque você trabalha com tal autor, tem que referenciar tais teorias e tais pessoas. No fim, muitas vezes acaba sendo algo mais autorreferenciado do que necessário. Então, a expressão “donos de Foucault” virou até uma gíria em diversas universidades. Não é exclusivo, mas geralmente isso também tem relação com o poder masculino. Do homem branco, de autoridade em determinada área e que diversas vezes ao invés de ser simplesmente uma notoriedade na área, acaba se transformando numa forma de poder e dominação.

Como nasce esse sentimento, esse ego?

Esse ego é de alguma maneira próprio do ethos acadêmico. Começa com os estudantes: eles iniciam a carreira reclamando do professor autoritário, que agride e humilha, que é de alguma maneira um calhorda. Isso é muito triste. Então, a gente tenta fazer palestras para discutir esse comportamento sobre o ponto de vista autorreflexivo crítico, com o objetivo de que os estudantes não o reproduzam. A primeira coisa que os alunos fazem ao entrar na pós-graduação é reiterar essa atitude. É inconsciente, mas é um processo de reprodução de poder. É muito difícil que os estudantes não façam isso, a não ser que desenvolvam uma

reflexão crítica permanente para barrar essa reprodução. O sistema universitário é feito para levantar e produzir carreiras individuais dentro da construção de um conhecimento individual pautado na genialidade. Essa ideia é muito da nossa tradição brasileira e tem muito a ver com o processo pedagógico. A gente tem uma formação pedagógica muito fraca, que gera muitos professores que podem ser gênios nas suas áreas, mas que não são bons docentes. Isso é próprio do sistema universitário e é claro que as transformações recentes da universidade, de desmantelamento, de corte de verbas, acirram um universo de competição e disputas por recursos e métricas. Hoje, a principal crise universitária fortalece um ethos que é próprio da natureza do conhecimento universitário há algum tempo e não só no Brasil.

Existem áreas mais propensas a criar os “donos de Foucault”?

Não existem. As propriedades, digamos assim, existem em todos os departamentos e campos do conhecimento.

Que conflitos essa vaidade gera nas relações?

Os conflitos são todos. Primeiro, se dá no nível dos estudantes, afetando a solidariedade entre pares, quando um acha que é melhor do que o outro e o oprime. Esse comportamento autoriza diversas formas de abuso moral e sexual, porque a ideia de poder ilimitado faz com

que certos professores se sintam na capacidade de humilhar. O que antes só parecia um ethos universitário, em que o aluno ‘tem que sofrer mesmo’, hoje se chama assédio moral e/ou sexual e tem inclusive uma legislação específica. Devido à sensação ilimitada de poder, os homens sabem que podem assediar sexualmente os alunos e que nunca vai acontecer nada. Todo esse ethos extremamente opressor vai culminar num processo de crise entre os alunos, principalmente no processo de escrita da tese. Isso vai gerar isolamento, depressão, estresse e até mesmo suicídio. O número de casos de depressão chegou a 33% e de depressão e alto estresse a 50% em quase todas as universidades do mundo. Nós estamos vivendo um tipo de crise da saúde mental, que não é só dos estudantes, mas também dos professores, porque é um sistema que afeta a todos.

Essa vaidade tem gênero?

Sim! Apesar de acontecer entre professores homens e mulheres, essa vaidade está muito vinculada à figura do intelectual, ou seja, do homem branco, gênio, dono de um conhecimento imanente, nato, que vem junto com diversas formas de assédio moral e sexual.

Vanessa Petuco,
estudante do 7.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



Lavouras digitais

Tecnologia

Projeto interdisciplinar desenvolve a aplicação de drones na agricultura de precisão

Os veículos aéreos não tripulados (Vants), melhor conhecidos como drones, vêm se tornando cada vez mais acessíveis ao consumidor. A pilotagem remota desses aparelhos, mais do que uma atividade feita por lazer, já faz parte de profissões que os utilizam como ferramenta de trabalho. Na UFRGS, um projeto da Escola de Engenharia, junto com o Instituto de Informática e a Faculdade de Agronomia, estuda as aplicações do drone em atividades agrícolas.

No Departamento de Plantas de Lavoura da Faculdade de Agronomia, o professor Christian Brede-meier investiga como a informação coletada por drones pode contribuir para a agricultura de precisão. Segundo Christian, um dos conceitos fundamentais nesse segmento é levar em conta que o espaço de uma plantação não é homogêneo. O docente considera que, dessa forma, é possível reduzir a quantidade de insumos utilizados. As intervenções necessárias, em vez de serem feitas em toda a lavoura, são realizadas de forma pontual já que o drone permite detectar uma área específica onde há falha no plantio. “Toda atividade agrícola tem um impacto ambiental. A intervenção na lavoura deve ser feita da maneira agronomicamente mais correta possível, de forma a reduzir esse impacto.”

Outra característica é o uso de informações tecnológicas. O professor define os drones como uma ferramenta útil para relacionar o desenvolvimento das plantas e o rendimento e a qualidade dos grãos. Uma das atividades do departamento é o monitoramento semanal de cultivos na Estação Experimental da UFRGS, em Eldorado do Sul. Christian relata o objetivo do trabalho: “desenvolvemos metodologias para, a partir da imagem que o drone fornece, fazer uma aplicação pontual de fertilizante nitrogenado para corrigir deficiências na lavoura.” Na estação, o veículo sobrevoa plantações de trigo, durante o inverno, e tira uma sequência de fotos geolocalizadas. Em um programa de computador, o conjunto de fotos é sobreposto, formando uma imagem só, chamada de mosaico. A partir das imagens captadas pelo drone, são identificadas variáveis de interesse agrônomo, como a biomassa, quantidade de matéria orgânica.

O professor atenta para as três câmeras que podem ser acopladas ao veículo aéreo. A diferença está no tipo de espectro eletromagnético reconhecido: pode ser infravermelho, luz visível ou ultravioleta. A câmera ideal é escolhida de acordo com a informação que pretendem capturar. A fim de estimar a produtividade da plantação com os drones, por exemplo, é utilizada uma câmera de infravermelho, que detecta a quantidade de radiação refletida. Em seguida, parcelas da lavoura com cerca de cinco metros quadrados são cortadas. Após secarem, elas são pesadas. “Relacionamos a informação que a imagem fornece com a informação real da superfície”, resume Christian.

Conforme o docente, o monitoramento com os Vants possibilitou

maior acessibilidade e precisão em relação às imagens capturadas por satélites, método de sensoriamento remoto utilizado há mais tempo por agrônomos ou prestadores de serviços agrícolas. Um dos motivos é a resolução espacial, área da superfície terrestre representada por um pixel na imagem. Quanto menor for o tamanho dessa área, maior será a capacidade de registrar objetos na superfície da Terra. A resolução espacial das imagens capturadas por drones está em ordens abaixo de um centímetro. Já o Landsat 8, satélite utilizado pelo Google Maps, tem a resolução espacial multiespectral de 30 metros. Outra vantagem é que os veículos aéreos voam abaixo das nuvens. Mesmo não sendo possível aproveitar a imagem do satélite em

dias nublados, Christian afirma que o uso vem crescendo junto com os Vants.

Inteligência - Em uma das salas do prédio da Engenharia Elétrica fica o laboratório de drones, onde um projeto de pesquisa busca, em uma de suas aplicações, automatizar o processo feito pela operação manual dos drones na agricultura de precisão. Quem coordena esse projeto é o professor do Instituto de Informática Edison Pignaton de Freitas.

O docente explica que o Vant é comercializado como commodity e é constituído de hardwares, a parte física do computador que “roda” programas escritos em linguagem de programação, chamados de softwares. Os drones adquiridos pelo

laboratório já são equipados com sensores que aferem informações sobre sua posição atual e para onde eles se deslocam em relação a um sistema de coordenadas. À vista disso, os veículos realizam duas funções básicas, a navegação e o guiamento. “O software de guiamento desloca as partes móveis do drone para que ele faça curvas. A navegação cuida dos pontos geolocalizados, ela informa se o drone chegou naquele ponto”, esclarece Edison.

Já que o veículo aéreo e seus componentes são produtos de prateleira, adquiridos prontos, o principal trabalho no laboratório é desenvolver softwares para “colocar inteligência no drone”, fazer com que ele analise informações durante o voo e tome decisões a partir delas de forma autônoma. Por meio da integração entre os programas que gerenciam as informações adquiridas pelos sensores e controlam as partes móveis do drone, o veículo é capaz de realizar “missões”, tarefas relacionadas diretamente com a aplicação destinada ao Vant.

Christian descreve uma tarefa relacionada com a agricultura de precisão: “O drone reconhece a planta de milho por meio de uma análise de imagem em tempo real e identifica onde há uma planta invasora.” Se a imagem capturada for semelhante à do sistema, o veículo registra o ponto de GPS (Sistema de Posicionamento Global) em que foi detectada a ocorrência. Em outro tipo de missão, além de marcar a localização da planta, um Vant equipado com um pulverizador e um reservatório com defensivos agrícolas faz uma atuação direta. “Quando o drone chegar ao ponto em que foi detectado o problema vai abrir o dispersor e aplicar o agroquímico”, aponta Edison. Para cada padrão identificado, é definido um determinado tipo de ação. Isso é feito por meio de um algoritmo de acordo com padrões de plantas preestabelecidos pelo professor da Faculdade de Agronomia e de uma série de técnicas de processamento de imagem desenvolvidas no laboratório de drones.

A regulamentação do uso desses equipamentos pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), em maio de 2017, foi um passo importante para a entrada dos modelos de Vants capazes de realizar essa tarefa, chamada de “crop solution” (solução de colheita), no mercado. Exemplo disso é a empresa gaúcha Skydrones, que trabalha com a integração de softwares em drones e vem realizando, já faz algum tempo, provas de conceito com produtos especializados em soluções agrícolas. Para Ulf Bogdawa, diretor-executivo, a perspectiva é de crescimento levando em conta atividades que o drone pode automatizar.



DPTO. DE PLANTAS DE LAVOURA/UFRGS/ARQUIVO

Lucas Borghetti,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



► **Redação** Felipe Ewald e Henrique Moretto | Fone: 3308-3368 | Sugestões: jornal@ufrgs.br

UFRGS na feira

Como já é tradição, a Universidade estará presente em mais uma edição da Feira do Livro de Porto Alegre, que, neste ano, ocorrerá de 1º a 18 de novembro na Praça da Alfândega. Inserido na programação do evento, o sarau *Vozes femininas dissonantes: Florbela Espanca e Maria Firmina dos Reis*, organizado pelo JU, apresentará leituras dramáticas e comentadas das obras das autoras, ambas incluídas entre as leituras obrigatórias do Vestibular. A atividade ocorre no dia 8 de novembro, às 15h, na Biblioteca do Clube do Comércio, e tem a participação das atrizes Thuanie Cigarian e Mayura Matos, da mesa em Literatura Roberta Flores Pedrosa e da professora do Instituto de Letras Márcia Ivana Lima Silva.

A Rádio da Universidade transmite o programa *Estação dos Livros* diariamente, das 17h30 às 19h. Direto do estúdio montado na Praça da Alfândega, a equipe de jornalistas entrevista autores e personalidades que fazem parte da programação do evento. Além disso, para comemorar os 30 anos de cobertura da Feira, a Rádio, realizará um debate entre escritores com mediação da vice-reitora da UFRGS, Jane Tutikian. A atividade acontece no dia 13, às 17h, no Teatro Carlos Urbim.

A Editora da UFRGS, promove painéis ligados às temáticas dos livros lançados, com destaque para *Leia, escreva e publique como uma mulher*, que ocorre no dia 17, às 14h, na Biblioteca do Clube do Comércio. O projeto é uma iniciativa de servidoras técnico-administrativas da editora, tem cunho multidisciplinar e reconstrói a trajetória das mulheres que publicaram nos primeiros 50 anos da Editora da UFRGS. Conjuntamente, ocorre uma campanha de visibilidade das mulheres enquanto produtoras de conhecimento.

A 64ª Feira do Livro abre ao público de domingo a sexta-feira, das 12h30 às 20h30, e aos sábados, das 10h às 20h30, na Praça da Alfândega.



CÂMARA DO LIVRO/ARQUIVO

Lançamentos

A Editora da UFRGS leva para a Feira do Livro deste ano o lançamento de 16 obras. Além das sessões de autógrafa, haverá painéis ligados às temáticas dos livros. O estande da Editora, de número 36, localiza-se entre a Rua Sete de Setembro e a Rua dos Andradas.



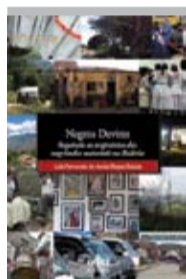
A degradação da celulose pelos ruminantes

Carlos André Prauchner
Dia 07/11, 15h30
Praça de Autógrafos
R\$ 25,00



Sobre raízes e redes: territorialidades negras no sul do Brasil

Olavo Ramalho Marques
06/11 - 18h30
Praça de Autógrafos
R\$ 35,00



Negros devires: seguindo as trajetórias das negritudes materiais na Bolívia

Luis Fernando de Jesús Reyes Escate
06/11 - 18h30
Praça de Autógrafos
R\$ 25,00



Homo historicus: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais

Christophe Charle | Tradução: Angela Xavier de Brito
Painel: 07/11 - 14h - Biblioteca do Clube do Comércio
R\$ 49,00



O que eu quero dizer é o seguinte

Luciene Juliano Simões, Luís Augusto Fischer e Magali Lopes Endrueit (orgs.)
08/11 - 17h30
Praça de Autógrafos
R\$ 35,00



A fotografia como escrita pessoal: Alair Gomes e a melancolia do corpo-outro

Alexandre Santos
08/11 - 15h30 - Praça de Autógrafos
Painel: 08/11 - 14h30 - Salão de Bridge do Clube do Comércio
Gratuito



Educação fiscal e cidadania: reflexões da prática educativa

Rosa Angela Chiezza, Claudia Monteiro de Cesare e Maria Regina Paiva Duarte (orgs.)
Dia 08/11, 19h30
Praça de Autógrafos
Gratuito



Imagens-textos: ensaios sobre cinema e psicanálise

Amadeu de Oliveira Weinmann, Edson Luiz André de Sousa e Liliâne Seide Froemming (orgs.)
09/11 - 16h - Memorial do RS
Painel: 09/11 - 14h30 - Salão de Bridge do Clube do Comércio
R\$ 25,00



Espaço espaços: estudos de literatura comparada

Rita Lenira de Freitas Bittencourt, Gerson Roberto Neumann, Marta Oliveira, Cinara Ferreira e Rafael Eisinger Guimarães (orgs.)
09/11 - 19h
Memorial do Rio Grande do Sul
R\$ 25,00



Variados mas combinados: ensaios sobre literatura

Homero Vizeu Araújo
09/11 - 19h
Memorial do Rio Grande do Sul
R\$ 25,00



Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica

Maria Bernadette Castro Rodrigues, Fabiana de Miranda Rocha e Juliana Hass Massena (orgs.)
10/11 - 16h
Memorial do Rio Grande do Sul
R\$ 39,00



Lendas do sul: João Simões Lopes Neto

Paula Mastroberti (org.)
10/11 - 19h
Memorial do Rio Grande do Sul
Painel: 10/11 - 16h30 - Biblioteca do Clube do Comércio
R\$ 35,00



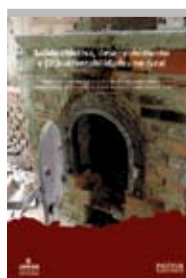
Garantia do Direito à Educação monitorando o PNE - Lei nº 13.005/2014

Sônia Mara M. Ogiba (org.)
14/11 - 17h30
Memorial do Rio Grande do Sul
Painel: 14/11 - 15h30 - Salão de Bridge do Clube do Comércio
Gratuito



O Centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas

Jocelito Zalla
14/11 - 16h30
Praça de Autógrafos
Painel: 14/11 - 14h30 - Salão de Bridge do Clube do Comércio
R\$ 30,00



Saúde coletiva, desenvolvimento e (in)sustentabilidades no rural

Mariilse Oliveira Mesquita, Deise Lisboa Riquinho, Tatiana Engel Gerhardt e Eliziane Nicolodi Francescato Ruiz (orgs.)
17/11 - 15h30 - Praça de Autógrafos
Painel: 17/11 - 14h - Biblioteca do Clube do Comércio
Gratuito



Vozes femininas na Filosofia

Ana Rieger Schmidt, Gisele Dalva Secco e Inara Zanuzzi (orgs.)
17/11 - 15h30 - Praça de Autógrafos
Painel: 17/11 - 14h - Biblioteca do Clube do Comércio
R\$ 25,00



Para levar o samba de volta à avenida

Carnaval
Sem orçamento, escolas buscam alternativas para realizar os desfiles no ano que vem

“Foi muito triste. O carnaval é minha vida, militância e onde mostro minha arte”. O sentimento de frustração expresso por Byra Borba, eleito Rei Momo (personagem da cidade encarregado de animar as festas) do carnaval de Porto Alegre em 2018 pela Imperatriz Dona Leopoldina, é consenso entre os carnavalescos, já que os desfiles deste ano foram cancelados. Por outro lado, assim como ele, que se considera “rato de barracão”, os amantes dessa festa popular estão decididos a resistir e não deixar o evento esmorecer. A administração municipal, no entanto, é categórica: “Não sobra para o Carnaval. Não é que a gestão não queira, não tem como”, afirma o secretário adjunto da Cultura Leonardo Maricato.

Apesar das incertezas para 2019, as escolas de samba e a Liga Independente de Escolas de Samba de Porto Alegre (LIESPA) se movimentam para fazer parcerias com o setor privado. Segundo Juares Gutierrez de Souza, presidente da liga, já foi encaminhada uma proposta para um empresário do Rio de Janeiro, mas a negociação ainda está em andamento. Há alguns anos a festa sofre cortes de investimento da prefeitura. Em 2017, apenas as escolas da Série Ouro, que inclui Imperatriz Dona Leopoldina, União da Vila do IAPI e Imperadores do Samba, desfilaram no Porto Seco, na Zona Norte da cidade, e, neste ano, nenhuma delas conseguiu se apresentar no sambódromo, por conta do cancelamento do festejo às vésperas de ocorrer. O jeito foi levantar o astral e levar as fantasias e o enredo, fruto de um ano inteiro de trabalho, para fazer a folia nas ruas da capital e também de Guaíba, na região metropolitana.

Os quatro dias de celebração são apenas o produto final de todo o processo do carnaval. A festa é fonte de conhecimento, de afirmação da cultura e movimentação da economia da cidade, gerando empregos para ferreiros, costureiras, marceneiros, aderécistas, artesãos, dançarinos, músicos, frentistas e vendedores. Da mesma forma, as escolas de samba, algumas localizadas em bairros mais pobres, atuam socialmente

na comunidade local. Filipe Ritter da Rosa, que é ritmista e mestre de bateria da União da Vila do IAPI, explica que a escola realiza atividades de percussão com crianças e adultos e que isso pode oferecer outros caminhos para quem está em situação de vulnerabilidade, como aconteceu com ele. “Se eu não tivesse entrado na percussão, eu poderia ter tomado o rumo errado, como vários amigos meus fizeram”, relata. Quanto ao carnaval de 2018, Filipe lamenta que essa ainda seja uma ferida mal cicatrizada e espera que no futuro o carnaval dependa cada vez menos do setor público. “Quando entro no barracão e vejo as fantasias e alegorias que não desfilaram, bate uma sensação desagradável. Quero um carnaval competitivo”.

União – Na escola de samba de Leticia Costa, a Imperadores do Samba, além da preparação para o desfile, o sentimento de união também mobilizou a equipe para auxiliar uma integrante grávida que precisava fazer uma cirurgia intrauterina de custo elevado. “A gente se reuniu, fez um chá e arrecadou dinheiro para ajudá-los. Esse é o espírito”, conta. Outro motivo especial para Leticia se dedicar tanto a essa arte é o filho, que, segundo ela, “é do carnaval”, e que, hoje, desfila na comissão de frente. Além dele, também o irmão desfila junto da família. A vendedora e chefe da ala coreografada Sedução diz que os preparativos para 2019 já começaram. O tema do próximo ano serão os 60 anos da escola. “O nosso lema é a resistência do samba. É doação. Faça sol ou chuva, estou lá, com unhas e dentes.” Leticia diz ainda que não importa se haverá desfile, porque os ensaios já estão acontecendo e a escola está fazendo de tudo para não precisar de verba da prefeitura. “A gente é convidado para fazer festas de 15 anos, de casamento. Enquanto houver pessoas dispostas, o nosso samba não vai morrer”, diz.

Essa festa é de todos e a sua origem se perde na linha da história, uma vez que é celebrada em vários países e por diferentes motivos. No Brasil, a diversidade é comprovada pelo uso de frevos, maracatus e afoxés, contribuição musical da cultura negra na tradição carnavalesca. Em Porto Alegre, cidade que tem a maior desigualdade entre brancos e negros do país segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a presença do carnaval é essencial para a resistência e afirmação da cultura negra, pois através dele se resgata a história e geram-se empregos. Para a contadora Luana Costa, também da Imperadores do Samba, o desinvestimento na



área é uma forma de manter a cultura marginalizada. “Parece que a nossa cidade tenta não permitir manifestações da cultura negra em áreas nobres. Nossa batalha é racial também. Estamos no nosso local. Local de grande parte da nossa história. Estamos batalhando contra todas essas tentativas de colocar, mais uma vez, a cultura negra à margem da cidade de Porto Alegre”, afirma. Até o fechamento desta reportagem, ainda não havia parceria firmada com empresas para o próximo ano. Entretanto, Luana, gestora da escola, garante que a Imperadores está mais unida do que nunca para “ter dias mais felizes no carnaval”.

Criação e conhecimento – Além da importância social, o carnaval também é um espaço de criação artística. Os sambas-enredo das escolas são feitos por compositores, as fantasias são realizadas por figurinistas e estilistas que pensam cada deta-

lhe das roupas. Nos barracões, os integrantes que coordenam as alegorias precisam contar uma história por meio da ilustração; para isso, fazem bonecos que desfilam nos carros com luzes e movimento. “O carnaval descobre talentos e tira pessoas da rua. Por um tempo, eu sustentei minha família só com isso”, conta Filipe Ritter. Já para Elis Regina, rainha da Samba Puro, escola da Série Prata – que é ainda mais prejudicada pelos cortes de verba –, o carnaval é lugar de conhecimento. Ela chegou ao carnaval por convite de uma amiga, que era passista, e já está há dois anos participando ativamente da escola, no bairro Partenon. A administradora de empresas, entretanto, se mostra mais receosa quando o assunto é o carnaval do ano que vem. “Não adianta a gente sonhar, temos que esperar, porque depende de outras pessoas”, diz. A Samba Puro sempre desfila nas ruas do bairro, já que um de seus objetivos é elevar

a autoestima da comunidade. “As pessoas que têm mais dinheiro e não apoiam o carnaval precisam entender que elas podem ir ao cinema ou ao teatro no fim de semana, mas na comunidade, o carnaval, muitas vezes, é a única forma de acesso à cultura”, explica a rainha. Como exemplo, Elis fala do enredo do ano passado, que era sobre o pandeiro. “Eu mesma não conhecia a história desse instrumento; os enredos ensinam muito sobre a nossa história”.

O desfile oficial parece um sonho distante, mas o passar dos meses evidencia que o carnaval não vai parar para quem dedica o ano e a vida a fazer dessa festa tão brasileira um dos maiores eventos culturais do país. Já diria o Rei Momo de Porto Alegre de 2018: “É na adversidade que buscamos força para lutar”.

Bárbara Lima,
estudante do 6.º semestre de
Jornalismo da UFRGS



Redação Isabel Linck Gomes | Fone: 3308-3368 | Sugestões: jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Um palco, vários ritmos

O resultado da mistura entre samba, funk, jazz e rock'n'roll é o som ímpar produzido pela banda instrumental Trabalhos Espaciais Manuais – também conhecida como TEM. Caracterizado pelo espetáculo em formato baile-show e pela música vibrante, o conjunto agita o público e põe todos a dançar. Formada por dez integrantes, a TEM surgiu em Porto Alegre há cinco anos e desde então vem criando ritmos, arranjos e melodias permeados por uma atmosfera dançante, como eles mesmos definem.

Essa será a atração que, no dia 24 de outubro, dará início às apresentações da oitava edição do projeto Som no Salão, que anualmente seleciona um repertório de artistas que possuam apresentações autorais e diversificadas – e que ainda não têm a carreira consolidada – para se apresentarem no Salão de Atos. Além do espaço, o projeto também oferece estrutura técnica de sonorização e iluminação, material gráfico para divulgação e gravação do show em parceria com a UFRGS TV.

A iniciativa tem recebido, em média, 90 inscritos para apenas quatro datas. A seleção segue como critérios a busca de linguagens e estilos musicais diversos, o que tem o intuito de possibilitar a formação de público diferente – historicamente, as apresentações vêm de lugares da capital que não ficam na região central. “Isso faz com que outros públicos acessem a Universidade. De uma forma geral, o Salão de Atos, através desse projeto, firma uma política cultural”, avalia Livia Biasotto, produtora cultural do Salão.

Interplanetária – Exclusivamente para o evento, a TEM preparou um espetáculo com participações especiais: o acordeonista Gabriel Romano e Loua Pacom Oulai, percussionista natural da Costa do Marfim. A apresentação levará como conceito uma missão interplanetária que se revelará através

de projeções articuladas por Livia Koech e da iluminação coordenada por Carol Zimmer. João Pedro Cê, guitarrista e compositor da TEM, define a apresentação como “um espetáculo que dialoga com as artes visuais, algo que sempre esteve presente no funcionamento da banda, mas que agora vamos conseguir colocar em prática no palco”.

Para eles, poder participar do evento é uma forma de reconhecimento. “Acredito que para a banda é um sonho realizado tocar em um dos palcos mais importantes de Porto Alegre, onde nomes como Elza Soares e Arrigo Barnabé já fizeram apresentações. Além disso, o projeto Som no Salão oferece uma qualidade técnica de registro que, neste momento de expansão da banda, é fundamental para conseguirmos alcançar outros públicos fora do Rio Grande do Sul. Ter este material é um presente para a nossa memória”, conclui João Pedro.

No dia 07 de novembro acontece a apresentação do músico gaúcho John Conceição, conhecido como Dona Conceição, com seu projeto Axé de Fala e, no dia 14, quem ocupa o palco do Salão de Atos é a banda Afroentes, com a proposta de tocar a música negra em seus variados estilos. Juntos, os artistas também participarão do *Conversações Afirmativas: Narrativas Negras na Arte*, uma conversa sobre processo de criação e produção de arte na era digital desde a perspectiva da resistência negra. O evento, organizado em parceria com o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, ocorre no dia 29 de outubro, às 19h, na Sala II do Salão de Atos.

O encerramento do Som no Salão 2018 fica por conta do cantor Daniel Debiagi, no dia 05 de dezembro, que fará o show de lançamento do disco *Sem chover em teus olhos*. As apresentações acontecem sempre às 20h, com entrada gratuita.



A TEM é uma mistura sonora entre samba, funk, jazz e rock'n'roll

CINEMA

Cinema Pelo Mundo

O DESEJO DE MINHA ALMA

Masakazu Sugita | Japão | 2014 | 85min

Um forte terremoto atingiu o Japão, deixando dois irmãos órfãos que, então, vão morar com seus tios. Apesar de os tios serem amorosos e cuidarem bem das crianças, elas estão longe da felicidade.

Sessões: 15 e 18 de outubro, 16h; 22 e 26 de outubro, 19h



FUTURO PERFEITO

Nele Wohlatz | Argentina | 2016 | 65min

Xiaobin, uma jovem chinesa, está perdida em um mundo novo. Após se mudar para a Argentina sem falar espanhol, ela busca um rumo.

Sessões: 15 de outubro, 19h; 16, 23 e 24 de outubro, 16h



EU NÃO SOU SEU NEGRO

Raoul Peck | EUA, FR, BE, CH | Documentário | 2016 | 93min

O escritor James Baldwin escreveu uma carta sobre o seu mais recente projeto: terminar o livro que relata a vida e morte de seus amigos, como Malcolm X e Martin Luther King Junior. Com sua morte, o manuscrito inacabado foi confiado ao diretor Raoul Peck.

Sessões: 16 e 30 de outubro, 19h; 17, 25 e 29 de outubro, 16h



NUMA ESCOLA DE HAVANA

Ernesto Daranas | Cuba | 2014 | 108min

Chala é um garoto com uma vida familiar difícil e um comportamento problemático na escola. Quando a professora,

que é a única pessoa que Chala respeita, se ausenta, sua substituta o transfere para um internato.

Sessões: 18 e 23 de outubro, 19h; 19, 25 e 30 de outubro, 16h



DAVID LYNCH: A VIDA DE UM ARTISTA

Jon Nguyen, Olivia Neergaard-Holm, Rick Barnes | EUA, DK | Documentário | 2017 | 93min

O documentário narra a vida do cineasta David Lynch à medida que traça os eventos principais para a sua formação, assim como para o seu estilo cinematográfico enigmático.

Sessões: 22, 26 e 31 de outubro, 16h; 29 de outubro, 19h

Sessão Especial



MENINA DE BARRO

Vinicius Machado | Brasil | 2017 | 115min

Diana, uma jovem de 12 anos superdotada, busca combater o bullying em sua escola enquanto precisa enfrentar seus problemas de família, seu coração e uma fúria típica daqueles que não se contentam com a apatia alheia.

Sessão: 31 de outubro, 19h

MÚSICA

Recitais

Recitais com entrada franca

Local: Auditorium Tasso Corrêa do IA

SARAU NO IA - RECITAL DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Datas: 22 e 29 de outubro, às 17h30

SARAU DE CANTO DO DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Data: 19 de outubro, às 12h30

CICLO SÔNICAS – MÚSICAS DE MULHERES

Data: 24 de outubro, às 19h

SARAU DA CLASSE DE CORDAS DO DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Data: 31 de outubro, às 16h

TEATRO



DESTERRO

O espetáculo é um documentário cênico baseado em fontes ficcionais e documentos acerca das ditaduras civil-militares na América Latina, apresentando diferentes perspectivas sobre os regimes e suas consequências históricas.

Apresentações: quartas-feiras de outubro, às 12h30 e às 19h30

Local: Sala Qorpo Santo.

Ingressos: entrada franca (com retirada de senha no local uma hora antes de cada apresentação)

Mostra de Teatro do DAD 2018 – DAD 60 ANOS

Apresentações com entrada franca (com retirada de senhas)



MATA TEU PAI

Medeia é uma mulher mitológica estigmatizada como louca e assassina. Mas é hora de mudar o ângulo da história. Em Mata Teu Pai, ela pode ser uma mulher como tantas que hoje cruzam o seu caminho. Mulher que cria os filhos sozinha, que se sacrifica pelo marido, que é violentada.

Apresentações: 17, 18 e 19 de outubro, às 19h30

Local: Sala Alzira Azevedo

MAL DITA HERANÇA

O público é convidado para uma viagem excêntrica através de diferentes quadros históricos com base nas nossas raízes. Um passeio onde o presente se encontra com um passado que ainda não passou e com um futuro que talvez já tenha chegado.

Apresentações: 24, 25 e 26 de outubro, às 20h

Local: Centro Cultural da UFRGS

EXPERIMENTAÇÃO REATIVA #18/2

Quando diversas ações operativas concorrem, faz-se necessário interagir. O palco é uma arena. A pressão, o peso e a gravidade tentam nos

impedir. Mas reagimos às forças que atuam sobre nós. É necessário reagir ao movimento e à inércia. Explorar as possibilidades, traçar trajetórias e deixar marcas. Manter-se de pé e operar conforme as circunstâncias.

Apresentações: 26, 27 e 28 de outubro, às 20h

Local: Atelier Subterrânea

EXPOSIÇÃO



A BELEZA QUE MATA: A DUALIDADE DE UM PATÓGENO MORTAL

Exposição de imagens feitas em diferentes técnicas de microscopia que proporcionam uma apreciação científica e artística dos fungos causadores da criptococose, uma doença com altas taxas de letalidade em todo o mundo.

Visitação: até 20 de novembro, de segunda a sexta, das 9h às 17h

Local: Sala Fahrion

ONDE?

► **Sala Redenção**
Luiz Englert, s/nº
(51) 3308-3034

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Senhor dos Passos, 248
(51) 3308-1980

► **Sala Qorpo Santo**
Luiz Englert, s/nº
(51) 3308-4318

► **Sala Alzira Azevedo**
Salgado Filho, 255
(51) 3308-4374

► **Centro Cultural**
Luiz Englert s/nº
(51) 3308-1980

► **Atelier Subterrânea**
Independência, 745
(51) 3308-1980

► **Sala Fahrion**
Paulo Gama, 110
2º andar da Reitoria

Meu Lugar na UFRGS



SAMANTHA KLEIN/JU

No centro do coração

Samantha Klein

Carla não é muito ligada a nomes de artistas do cinema ou da televisão, mas recorda a primeira vez em que viu celebridades entrando no espaço onde trabalha há 17 anos. Poucos dias após ser contratada para fazer serviços gerais no Centro de Eventos da UFRGS em Gramado, ela já pôde ter contato com artistas que chegavam para o Festival de Cinema. Naquele ano, 2001, Betty Faria, Hugo Carvana, Milton Gonçalves e Werner Schünemann estavam entre os atores convidados da 29ª edição do evento.

Naquela edição do Festival, e em outras sete, a mostra competitiva do cinema brasileiro e latino-americano movimentou o Centro de Eventos mantido pela Universidade. “Mal comecei a trabalhar e já tive a oportunidade de fazer parte de uma festividade desse porte. Os anos seguintes foram ainda melhores, porque a equipe estava mais afinada para receber os atores e diretores de cinema”, destaca Carla Konzen Steffens enquanto mostra algumas fotos com artistas.

A hoje assistente administrativa iniciou as atividades no local como auxiliar de serviços gerais. Na época tinha recentemente chegado a Gramado, fazendo o caminho do interior para a área urbana, devido à falta de condições econômicas para dar continuidade à mesma trajetória dos pais. “Infelizmente não tínhamos como permanecer no campo, e meu filho Christian já tinha nascido. Por isso, resolvemos tentar a vida em Gramado. Facilitou muito o fato de ter familiares aqui na cidade.”

Carla jura que foi um golpe de sorte chegar à cidade serrana, de mala e cuia em junho de 2001, e um mês depois já estar empregada no Centro de Eventos da UFRGS. Não disfarça, porém, o orgulho em ter completado tantos anos de trabalho. “Desde que cheguei, o meu dia a dia é de esforço

para continuar trabalhando.” Atualmente, reveza sua atuação entre a recepção de expositores e atores, o recebimento de orçamentos e a organização de documentos. Na mesa instalada no espaço administrativo do Centro, ela guarda de forma metódica registros documentais e fotografias dos eventos realizados no espaço mantido pela Fundação de Apoio da UFRGS (Faurgs).

Há três anos, ela, o marido Adelino e os filhos Christian e Milena, 19 e 8 anos, respectivamente, passaram a morar no próprio Centro de Eventos. O estabelecimento localizado no centro de Gramado, que recebe desde eventos acadêmicos até o Festival de Cinema, está sediado na antiga fábrica de calçados da Ortopé, que ocupa uma área de 10,3 mil m².

O antigo chão de fábrica se transformou em um amplo salão. Salas menores que abrigavam setores administrativos tornaram-se auditórios com capacidade para entre 100 e 300 pessoas. Junto a toda a infraestrutura de uma massa falida recuperada pela Faurgs, existia uma residência no antigo complexo da empresa calçadista. Carla e o marido se tornaram os guardiões do espaço. “Havia a necessidade de abrir e fechar o Centro de Eventos em qualquer dia. Dessa forma, um de nós sempre está disponível para receber o pessoal do carregamento que chega cedinho e também para cerrar as portas depois que o último convidado ou ator de uma peça tenha saído do espaço.”

Carla ainda destaca que construiu uma vida em torno do espaço e considera que o Centro de Eventos é mais que um trabalho. “Não consigo me imaginar longe daqui. Além da sensação boa de esperar por um novo evento, sempre reencontro amigos”, finaliza. Laços invisíveis vão se formando em meio a uma agenda lotada de eventos que, aliás, já estão marcados para 2020 e 2021.

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Consciência do coletivo

A aldeia Kanhgág Kaingang Monte Caseros, perto de Lagoa Vermelha, no norte do estado, tem uma população de aproximadamente mil pessoas e é uma das retomadas de território indígena no Rio Grande do Sul. Foi lá que cresceu, junto com suas cinco irmãs, Silvana Claudino, estudante de Serviço Social da UFRGS. Ela nasceu na aldeia Guarita em 8 de dezembro de 1989, em Tenente Portela, mas se mudou para Monte Caseros aos seis anos após um conflito de lideranças do local. Da infância, Silvana relembra com doçura em um riso travesso: “A gente brincava, pescava e nadava o dia todo. Entrávamos de manhã no mato e só saímos de noite. Os mais velhos cuidavam dos mais novos”.

Esse espírito de coletividade, tipicamente associado à cultura indígena, acompanhou a formação escolar de Silvana até a 6ª série na aldeia. Passadas as fases iniciais, entretanto, teve que ir à cidade estudar e sentiu na pele o preconceito e as dificuldades. “Os colegas não conseguiam me aceitar. Eu era só a índia da turma”, relata. “Os professores diziam que meus pais não me incentivavam, mas era só diferente, a gente não conhecia esse modelo.” A situação na família de Silvana era, pelo contrário, de muito incentivo. O pai, Salatiel, que assim como a estudante e sua mãe, Itamara, não possui nome na língua nativa – reflexo de uma cultura influenciada pelo processo de colonização e que continua a se modificar –, sempre disse que ela não precisaria casar cedo, como outras meninas Kaingang, justamente para que pudesse estudar.

Em 2007, Silvana se formou no ensino médio e, dois anos depois, tentou, pela primeira vez, ingressar no curso de Medicina da UFRGS, mas não passou no processo seletivo. Foi aí que começou a trabalhar em um frigorífico que estava contratando mão de obra indígena. “Aguentei dois anos, mas era muita exploração! Tinha que carregar peso e exigia muito fisicamente, então resolvi sair”, revela. Depois disso, trabalhou como agente de saúde indígena na sua aldeia. A necessidade de atuar dentro da comunidade despertou em Silvana quando percebeu que as políticas de educação e saúde enfrentavam problemas de comunicação entre nativos e médicos ou enfermeiros não indígenas. Ela fazia visitas a domicílio e orientava as famílias sobre algumas medidas que poderiam prevenir doenças, mas notava que a maioria das mulheres tinha vergonha de



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

contar ou perguntar algo aos médicos. “Faltava um diálogo; às vezes, uma mãe dizia que ia dar um chá para o filho e o médico, que não sabe sobre isso, falava que não. É complicado”, avalia.

Em relação às práticas Kaingang, Silvana lamenta que só pôde conhecer alguns rituais através da leitura e das histórias contadas pelos mais velhos, uma vez que foram sendo proibidos com a entrada da religião cristã. Além disso, ela observa clara diferença entre os hábitos culturais de sua avó e os da sua geração. A avó acreditava fielmente no mito de criação Kaingang, por exemplo, em que existiam dois sóis, Kamé e Kairu: eles disputavam espaço e, depois de muitas brigas, resolveram que o primeiro iluminaria o dia e o segundo, a noite, para que o mundo pudesse gozar de equilíbrio entre as forças. Com base nisso, uma pessoa descendente de Kamé não pode se envolver com outra Kamé, porque são consideradas irmãs e a vida em casal tende a ser conflituosa. “É interessante ver o quanto isso tem mudado da geração dela para a minha. Hoje em dia, as pessoas casam mais pela lógica cristã”, pondera.

Aos 21, alguns anos antes de entrar na faculdade, ela engravidou. A pequena Geovana, de sete anos, tem quase a idade que a mãe tinha quando colocava

fogo nos matos secos da aldeia Monte Caseros, mas vive no meio da cidade e fala apenas português. Silvana começou a ensinar Kaingang para ela neste ano e diz que não pretende levá-la à igreja. “Ela é pequena e já sabe que temos outra cultura a explorar”. A tomada de consciência a respeito dessas questões indígenas não veio da noite para o dia: ao entrar no curso de Serviço Social em 2014, Silvana se mudou para Porto Alegre e começou a conviver com outros estudantes indígenas, participar do Coletivo Indígena da UFRGS e a entender seu lugar na sociedade. Além disso, contou com o auxílio de um monitor e uma professora do seu curso para compreender os textos acadêmicos, o que ela considera de extrema importância para a permanência na Universidade.

Na reta final da graduação, Silvana será a primeira da sua aldeia a se formar no ensino superior e, depois dela, mais pessoas da comunidade querem ter acesso à Universidade: uma das irmãs já ingressou neste ano em Psicologia na UFRGS. Para ela, a vontade é agir e transformar a realidade dentro da comunidade. “Está na hora de atuar e ocupar nossos espaços”, afirma.

Bárbara Lima,
estudante do 6.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

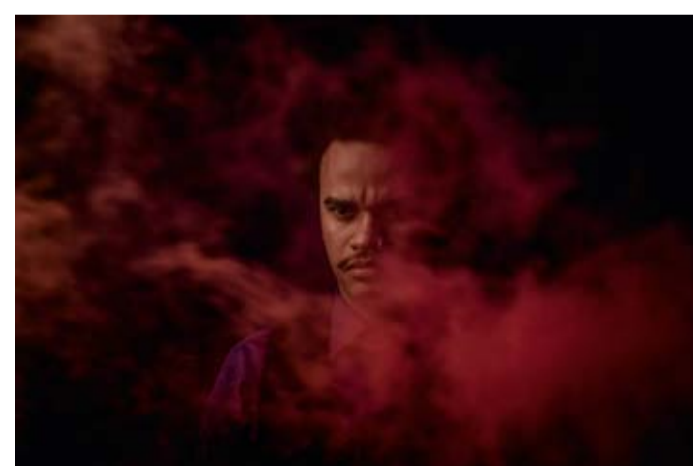
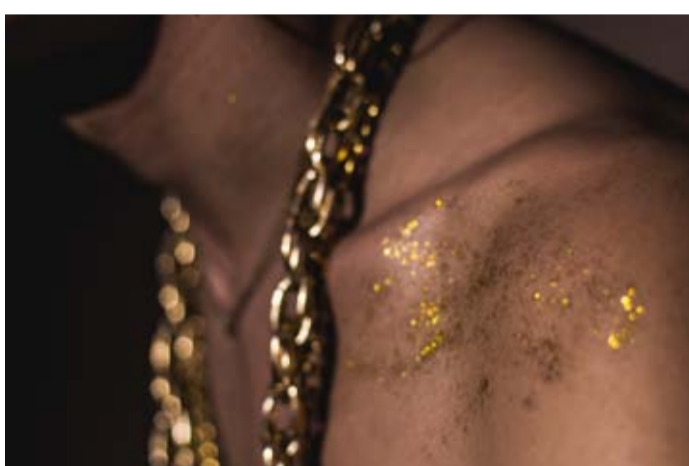


Imortais e fatais

FOTOS **JOSEMAR AFROVULTO**
TEXTO **DONA CONCEIÇÃO**

Narrativas cruas conectam as ruas de tantas quebradas, o olhar desprotegido do fotógrafo perseguido pelas câmeras de segurança. O vulto camaleão do gueto traz a resposta de retratar o real. Numa atmosfera de beleza, mistério e caos, revela corpos invisíveis através de suas lentes, anuncia possibilidades, cores, momentos recortados.

Afrovulto mistura bom gosto, técnica e audácia – um dos artistas visuais mais potentes que já conheci, materializando suas inquietudes, desejos e revoltas.



JOSEMAR AFROVULTO É FOTÓGRAFO, POETA E ARTISTA VISUAL E INTEGRA O COLETIVO SLAM CHAMEGO
DONA CONCEIÇÃO É CANTOR, PERCURSIONISTA, ATOR, POETA E COMPOSITOR NASCIDO EM UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ EM ALVORADA (RS). ATUALMENTE, É DIRETOR MUSICAL DO GRUPO TEATRAL COR DO BRASIL E INTEGRA O COLETIVO DE COMPOSITORES A CABAÇA, AMBOS NO RIO DE JANEIRO.



Pensando fora da caixa

O estímulo ao ingresso na carreira científica é um dos mais importantes movimentos que uma universidade pública realiza a fim de colaborar para o desenvolvimento do país. No caso do Brasil, onde historicamente a maioria das pesquisas é feita em instituições mantidas pelo Poder Público, essa preocupação tem motivado iniciativas que buscam incentivar a formação de jovens cientistas. Embora sujeitas aos humores governamentais, partidários e econômicos – já que até hoje não se tem uma política de Estado para as áreas da educação e da ciência e tecnologia (C&T) – tais propostas têm se mantido através de sucessivos governos, como atesta a trajetória daquele que possivelmente seja o mais antigo projeto para a atração de estudantes para o campo da C&T, o curso de extensão *Física para o Ensino Médio*, que funciona ininterruptamente desde 1966. Conforme sua atual coordenadora, Magale Elisa Brückmann, esse curso não só formou docentes e pesquisadores em diversos ramos da Física, como também serviu como uma espécie de antessala para a vida universitária de jovens que hoje frequentam graduações nas áreas das ciências da saúde, humanas ou sociais e aplicadas. “Volta e meia encontro ex-alunos na entrada do Câmpus [do Vale], na Letras ou na Medicina. Realmente, isso é gratificante, porque tem gente de todas as áreas. Quando vejo o pessoal por aí e eles me cumprimentam dizendo: ‘Oi, professora! Lembra de mim?’, isso me faz acreditar que todo o esforço, o empenho de todos esses anos de trabalho valem a pena”, comenta a docente.

No mês em que a Universidade promove mais uma edição do Salão UFRGS, o JU destaca alguns desses projetos que mesclam ensino, pesquisa e extensão e atraem novos talentos, graças à inventividade e dedicação de bolsistas, professores e técnicos em educação para os quais a Ciência é um caminho para a superação de desigualdades sociais.

PRODUÇÃO ÂNIA CHALA

FOTOS GUSTAVO DIEHL

Quatro projetos

Para quem ainda associa ciência apenas ao ambiente de laboratórios repletos de equipamentos frequentados por pessoas de avental branco com ar sisudo, os projetos aqui apresentados podem parecer estranhos. Afinal, um canal no YouTube que analisa as políticas públicas contemporâneas no campo da educação poderia parecer, à primeira vista, nada mais que uma iniciativa da área de difusão. No entanto, o *Território Escolar*, projeto desenvolvido pelo professor Fernando Seffner da Faculdade de Educação junto com seus bolsistas de iniciação científica do curso de Licenciatura em História, ultrapassa essa perspectiva ao lançar mão da experiência do pesquisador na área da formação docente e da criatividade de dois jovens estudantes dispostos a tirar o máximo de proveito das funcionalidades oferecidas pela tecnologia da comunicação. Em uma perspectiva mais ampla, e com um número maior de bolsistas remunerados e também voluntários, o *Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado* não apenas envolve a realização de ciclos de cinema, lançamentos de livros e debates, como também investe na constituição de um acervo de entrevistas de história oral para o desenvolvimento de futuras pesquisas. Já a proposta do *Meninas na Ciência* é atrair jovens para as chamadas carreiras de C&T, área em que a presença da mulher ainda é pequena. Para tanto, além de promover oficinas e organizar visitas programadas de grupos de meninas ao ambiente universitário, o projeto faz pesquisas para quantificar e compreender o problema e produz, em parceria com a UFRGSTV, a série *Lugar de mulher*, que destaca a presença feminina em carreiras científicas. Por fim, a revista eletrônica de divulgação científica *A Bioquímica como ela é*, nascida a partir de um curso de extensão, já teve como fruto um blog chamado *Nau32* e segue com seu duplo propósito de contribuir para a formação dos estudantes de licenciatura e colaborar para a formação básica de ciência nas escolas. Os textos a seguir foram elaborados pelos coordenadores dos projetos mencionados.



Acima, Fernando Seffner grava vídeo para o canal *Território Escolar*.
Abaixo, oficina de ciências e robótica promovida pelo programa *Meninas na Ciência*.

Debates em História

Fundado em março de 2017 a partir da decisão de dez docentes do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, o Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado (Luppa) conta com a participação de pesquisadores de outras universidades no país e de colaboradores estrangeiros e recebe financiamento pelo CNPq. Atualmente coordenado pela professora Caroline Silveira Bauer, congrega doze bolsistas, entre remunerados e voluntários, que desenvolvem atividades de iniciação científica, de iniciação à popularização da ciência e de iniciação ao ensino de ciências.

O Luppa funciona como um espaço permanente de debate e estímulo ao estudo e às pesquisas sobre os usos políticos do passado e os usos públicos da história. Seu objetivo principal é o de produzir reflexões teóricas a partir de estudos de caso e análises comparadas com o propósito de contribuir com diagnósticos e intervenções efetivas para a sociedade, tais como produção de livros, eventos acadêmicos, exposições e materiais de divulgação em diferentes mídias. Desde sua fundação tem realizado ciclos de cinema, debates, grupos de estudos e palestras.

Dentre os projetos desenvolvidos destacam-se: *Caminhos da Ditadura em Porto Alegre e Caminhos da Ditadura no Rio Grande do Sul*, que realizam um levantamento dos lugares de memória sobre a ditadura civil-militar na capital e no estado com o uso do Google Maps; *Pedal pela Memória*, que promove passeios ciclísticos temáticos pela cidade com circuitos que recuperam a memória de diversos grupos – a primeira edição tematizará a memória LGBT+ e está prevista para o dia 21 deste mês; *Debates recentes sobre a ditadura civil-militar brasileira*, curso de formação continuada voltado para as professoras e os professores da educação básica; e *Repositório de Entrevistas de História Oral*, que objetiva disponibilizar entrevistas de história oral realizadas no âmbito das pesquisas de pós-graduação ou entregues ao laboratório por meio de doações. Ainda para 2018, está previsto o lançamento do livro paradigmático *A ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul*. (Caroline Silveira Bauer – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas)

e uma paixão

Por mais mulheres na ciência

Pense nas pessoas que você conhece que trabalham nas “ciências exatas e tecnologias”, como, Engenharia, Física, Matemática e Química. Se você não trabalha em um desses campos do conhecimento, certamente encontrou pouca gente. Agora se pergunte quantas mulheres há nesse já pequeno grupo em que você pensou. São poucas, não? Aliás, pouquíssimas! Em nosso país, de cada 100 pessoas na faixa etária entre 25 e 34 anos, apenas 2,2 são formadas em áreas ditas de C&T. Para saber se isso é pouco, comparemos com países desenvolvidos, nos quais esse número chega a ser 10 vezes maior. Mas e daí, qual o problema? Uma das consequências é que o Brasil não produz tecnologia. Vendemos matéria-prima sem agregar valor e importamos tecnologia cara. Então uma das bases do nosso programa é a certeza de que um país precisa de ciência e tecnologia para se desenvolver.

Mas o que isso tem a ver com as mulheres? Dentro desse pequeno universo de profissionais, a proporção de mulheres é de apenas 30%. E talvez o pior dos aspectos seja que, à medida que a carreira avança, esse índice em atividades de C&T só diminui, caracterizando o que chamamos de “efeito tesoura”. No entanto, pesquisas mostram que empresas que têm em seus quadros mais elevados maior diversidade de gênero e cor são mais lucrativas. Assim, o foco do projeto são as mulheres porque nelas reside o maior déficit, e inseri-las em C&T é aumentar as chances de o Brasil se desenvolver.

O programa *Meninas na Ciência* existe desde 2013 com o objetivo central de criar ações capazes de atrair meninas para as carreiras de ciência e tecnologia. A fim de atingir este propósito, tem formado alunas e alunos de graduação para difundirem a ciência e a tecnologia por meio da Astronomia, da Física e da Robótica em escolas públicas. Visa igualmente a sensibilizar sobre o papel da mulher na sociedade, contribuindo para a eliminação de estereótipos de gênero. As ações incluem: a promoção de oficinas de ciências e robótica e debates sobre questões de gênero; o convite para que grupos de meninas venham à UFRGS; a realização de palestras e atividades de formação a professores do ensino médio; a produção, em parceria com a UFRGSTV, da série *Lugar de Mulher* para difundir a presença de mulheres em carreiras de C&T e criar modelos femininos em profissões nas quais há baixa representatividade de mulheres; o desenvolvimento de campanhas para denunciar o machismo, como #esseémeuprofessor e #esseémeucolega; e a elaboração de pesquisas para quantificar e entender o problema e aprimorar nossas ações.

Desde o início do programa, trabalhamos conosco aproximadamente 50 alunas e alunos da UFRGS, trouxemos mais de 500 meninas às dependências da Universidade, palestramos para pelo menos mil professores de diferentes estados brasileiros, produzimos quase 50 vídeos da série *Lugar de Mulher*, publicamos alguns artigos científicos, realizamos uma série de campanhas e conquistamos quase 10 mil seguidores em nossa página no Facebook.

Neste ano, o *Meninas na Ciência* passa pela experiência de ter suas ações financiadas pela primeira vez a partir de um fundo externo à UFRGS e ao MEC. Em parceria com o Colégio Estadual Odila Gay da Fonseca, submetemos um projeto para o Fundo de Investimento Social ELAS – uma associação entre o Instituto Unibanco e a Fundação Carlos Chagas com apoio da ONU Mulheres – e fomos contempladas no edital Gestão Escolar para Equidade: ELAS nas Exatas. (Carolina Brito e Daniela Pavani – Instituto de Física)

Divulgar, interagir, curtir!

Em 2002, depois de receber inúmeros e-mails e telefonemas com questões sobre radicais livres, uma vez que era o coordenador do Centro de Estudos em Estresse Oxidativo do Departamento de Bioquímica da UFRGS decidi, junto com meus alunos de iniciação e de pós-graduação, içar as velas, soltar a âncora e criar um curso de extensão chamado *Radicais livres: verdades, falácias, angústias e expectativas*. A atividade teve várias edições de 2002 a 2010, atraindo uma vasta gama de profissionais e de pessoas que simplesmente tinham curiosidade sobre o assunto e que desejavam aprender. Tivemos mais de mil inscritos, e isso abriu meus olhos para o universo da divulgação científica e da extensão. Surgiu, então, a ideia de fazer um curso para escolas, realizado em 2011 e 2012, com o título *Revendendo conceitos em ciências biológicas: o que realmente é uma proteína?* Nos dois anos seguintes, a proposta foi rebatizada para *Afinal como se faz ciência?* Por conta do sucesso e do imenso interesse suscitado, fui mordido pelo bichinho da divulgação e da alfabetização científica, culminando com uma palestra no Fronteirinhas da Ciência. Tais iniciativas foram amplamente apoiadas pelos projetos de divulgação e ciência na escola da UFRGS.

A partir desse contexto, surgiu no Centro a ideia de nos aventurarmos pelos mares da divulgação científica. Queríamos publicizar de maneira ágil artigos, textos, quadrinhos, vídeos e tudo o mais que pudéssemos produzir para ajudar a criar interesse pela ciência. Então, surgiu *A bioquímica como ela é*, uma revista eletrônica em que os alunos e colegas professores publicam textos de leitura fácil, mas de conteúdo correto, e assim trabalhamos os mais variados conteúdos em escolas junto com professores. A ideia recebeu apoio dos programas de ciência na escola da UFRGS, os primeiros textos foram elaborados e colocamos a revista no ar em 2015.

O projeto se sofisticou e criamos também o *Nau32*, um blog para pequenos textos e opiniões, que funciona como uma conexão com as disciplinas que ministramo na Universidade: Bioquímica I e Bioquímicas Ecológicas I e II. Nestas, os estudantes usam a plataforma do *Nau32* como suporte para seus trabalhos e exercícios, bem como para expressar sua criatividade produzindo textos e mídias. Decidi juntar tudo e propus aos alunos da graduação que, como parte da avaliação, passassem a produzir material de divulgação. Dependendo do tipo ou tamanho, o resultado é publicado na *Bioquímica como ela é* ou no *Nau32* e, posteriormente, utilizado em escolas.

Nessas duas empreitadas não enfrentamos tempo ruim. É fantástica a alegria de mostrar, tanto na graduação quanto nas escolas, que conectar as duas pontas é possível. Sinto que estamos contribuindo verdadeiramente com a qualificação dos nossos estudantes de graduação e colaborando com a formação básica de ciência nas escolas. Vejo que temos muito ainda a singrar por esses mares, aproximando saberes e aprendendo com os dois lados. (José Cláudio Fonseca Moreira – Instituto de Ciências Básicas da Saúde)

Estabelecendo diálogos

Território Escolar é um canal do YouTube em que se discutem questões envolvendo escola, políticas públicas de educação, cultura escolar, dinâmicas de ensinar e aprender, direito à educação, formação docente, culturas juvenis e tópicos de gênero e sexualidade. Sua produção é voltada para quem circula pela escola e se interessa por matérias educacionais. Os temas são abordados sob uma perspectiva simultaneamente pedagógica e política por meio de vídeos curtos, propondo tópicos para reflexão e debate.

Alguns propósitos animam esta iniciativa. O primeiro deles é ofertar elementos oriundos de pesquisas acadêmicas que auxiliem no debate de questionamentos atuais, tais como: o que é liberdade de ensinar, qual sua história e importância? A escola deve abordar temas de gênero e sexualidade? Que relações se estabelecem entre família e escola no governo de crianças e jovens? O que exatamente significa o chamado direito à educação? Quais legislações regulam o ensino escolar e a função docente?

Outro objetivo é acompanhar o cenário contemporâneo, comentando aspectos que envolvem as políticas públicas da área. Na recente conjuntura eleitoral, por exemplo, uma série de programas enfocou as propostas educacionais das várias coligações partidárias, tendo em vista documentos legais produzidos no país e no exterior sobre educação escolar, bem como resultados de pesquisas acadêmicas.

Também se abre espaço para relatos curtos da vida de professores e professoras, observando suas ações pedagógicas, programas de ensino e surpresas da profissão. Temos um importante acúmulo de dados estatísticos, que são analisados em outros programas, ajudando a conhecer a realidade educacional do Brasil.

A iniciativa aproveita principalmente a experiência dos anos em que estivemos envolvidos com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-UFRGS), mantido pela Capes, quando foi possível acompanhar o dia a dia da vida escolar. O canal está no ar desde 18 de junho deste ano e, semanalmente, são postados novos vídeos, organizados em séries temáticas ou playlists. A ideia parece ter tido excelente acolhida, pois o número de adesões cresce a cada semana.

O projeto é mantido pelo trabalho conjunto do professor Fernando Seffner (Faced) e dos bolsistas da iniciação científica Otávio Klein e João Paulo Buchholz, alunos da Licenciatura em História da UFRGS. (Fernando Seffner – Faculdade de Educação)

DNA extensionista

Magale Elisa Brückmann tem sua trajetória profissional ligada ao curso de extensão *Física para o Ensino Médio*. Graduada na Licenciatura em Física, ela se tornou docente da UFRGS em 1996 e, um ano mais tarde, assumiu a coordenação desta que é possivelmente a mais duradoura ação extensionista desenvolvida pela Universidade. Iniciada em 1966 com a proposta de oferecer uma experiência de ensino na qual os futuros professores tivessem a oportunidade de ministrar aulas a alunos do ensino médio, a atividade era então chamada de *Física para Secundaristas*.

À época, as aulas ocorriam no Câmpus Centro, e a procura era tanta que havia um processo seletivo para o ingresso. Conforme a professora, já existia

preocupação com a formação em ciências básicas e com a melhoria na qualificação docente: “Os estudantes só tinham uma disciplina de estágio no final do curso e iam direto para a escola enfrentar a situação de sala de aula sem contato anterior com aquele ambiente”.

Nessa entrevista, Magale comenta a respeito de sua experiência de mais de 20 anos como coordenadora do projeto e fala das possibilidades de uma abordagem em que o objetivo não é o vestibular, mas o prazer da descoberta e da experimentação.

Por que esse curso de extensão se manteve até hoje?

Desde a primeira aula, procuramos mostrar que queremos discutir a Física de forma di-

ferente da abordagem adotada nas escolas. O curso não tem como propósito a preparação para o vestibular, pois não dispomos de uma fórmula mágica que vá resolver esse problema. Muitos já viram alguns desses conteúdos no colégio, mas não tiveram a devida apresentação. Eventualmente, fazemos exercícios, porém nunca com a preocupação de avaliação. Por isso, percebo que ao longo dos anos aqueles estudantes que vêm para estudar para o vestibular acabam por desistir do curso. Usamos materiais em laboratório, temos um livro-texto elaborado especificamente para os conteúdos que desenvolvemos. Também utilizamos demonstrações de atividades práticas em sala de aula e filmes. No fim, esses alunos acabam sendo

bem preparados e a gente os encontra pelos corredores em diferentes cursos no ano seguinte. E não só nas ciências exatas. De qualquer forma, acho que conquistamos mais alunos para esta área.

“Esses alunos acabam sendo bem preparados e os encontramos pelos corredores em diferentes cursos no ano seguinte”

Magale Brückmann

O curso é oferecido semestralmente, nas quintas à tarde e nos sábados pela manhã. Identificas algum tipo de perfil específico desses estudantes?

A partir do lançamento do Reuni, criamos um curso de licenciatura noturna. Nessa proposta, apesar das dificuldades de acesso ao Câmpus do Vale, a preocupação foi manter a qualidade da graduação. Por isso, organizamos a grade curricular de forma a possibilitar que os alunos da noite também tivessem a experiência de atuar como ministrantes na turma oferecida aos sábados. Inicialmente, a procura permaneceu maior na quinta-feira à tarde, porque já havia uma tradição de oferecimento nesse dia. Agora, os alunos do ensino médio não têm mais tempo livre para vir à Universidade durante a semana e cresceu a busca pelas aulas aos sábados. A turma de quinta deste semestre, por exemplo, teve uma procura bem abaixo do esperado.

O público que busca o curso, independentemente de estudarem em colégios públicos ou privados, quer saber além do que a escola oferece?

Sim, e isso é muito gratificante. Quem nos procura, em geral tem alguma dificuldades em Física. A grande maioria pode não ser o melhor aluno da escola, mas tem interesse. Afinal, para ir ao Vale, a pessoa tem de ter alguma coisa que a motive. Isso é muito bom, pois a gente trabalha com estudantes que estão aqui por conta de querer aprender. Sempre digo

aos meus alunos da licenciatura que eles têm de aproveitar essa oportunidade, porque é essa a realidade na escola. Quando eles se tornam professores, acabam indicando a ação aos próprios alunos. Além disso, servidores da UFRGS de diferentes áreas também trazem seus filhos para fazer o curso.

A coordenação tem algum critério de seleção para os participantes?

Não, as inscrições são livres e a gente vê alunos provenientes de todos os lugares e de diferentes tipos de escola, desde os colégios regulares, passando pela Educação de Jovens e Adultos e por gente que parou de estudar por um tempo, até o pessoal dos cursinhos populares. E não são pessoas só de Porto Alegre, vem gente da Região Metropolitana. Tempos atrás, tinha uma menina de Butiá [a 83 km de distância]! Como os cursos são oferecidos alternadamente, outra menina, no ano passado, cursava no mesmo semestre a turma da quinta de tarde e a do sábado de manhã. Ela estava fazendo pré-vestibular, era do interior e morava em Porto Alegre com os tios. Deixava de ir para casa nos finais de semana porque queria frequentar as aulas dos sábados de manhã. Gratifica muito ver aquele estudante que se esforça para vir porque quer aprender.

Hoje existem mais meninas procurando o curso do que havia anteriormente? Percebes alguma mudança nesse sentido?

O número de meninas está crescendo, embora não haja um registro efetivo disso. Mas, há algum tempo, tenho visto que temos cada vez mais meninas do que meninos. Também aumentou o número de alunos negros. Na minha graduação, por exemplo, acho que não tive nenhum colega negro. Cursei licenciatura, comecei a trabalhar nos laboratórios de ensino do Instituto de Física como técnica de laboratório. Quando concluí o bacharelado, deixei o trabalho para me dedicar à pós-graduação. Minha história é longa na Universidade. Fiz o concurso e me tornei professora em 1996. Começaram a surgir alunos negros, bem poucos, muito tempo depois. Agora, com as cotas, o panorama já é outro. E isso eu percebo também nos cursos de extensão. A procura é maior, mas não temos vagas específicas para cotistas. Quem quiser é só chegar. A matrícula é por ordem de chegada.

GUSTAVO DIEHL/SECOM

